

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Setembro/2018 – Nº 64



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA

Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO
DE SANTA
CATARINA**

Secretaria da Agricultura
e da Pesca



Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Airton Spies

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Glaucia Padrão

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis

2018

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

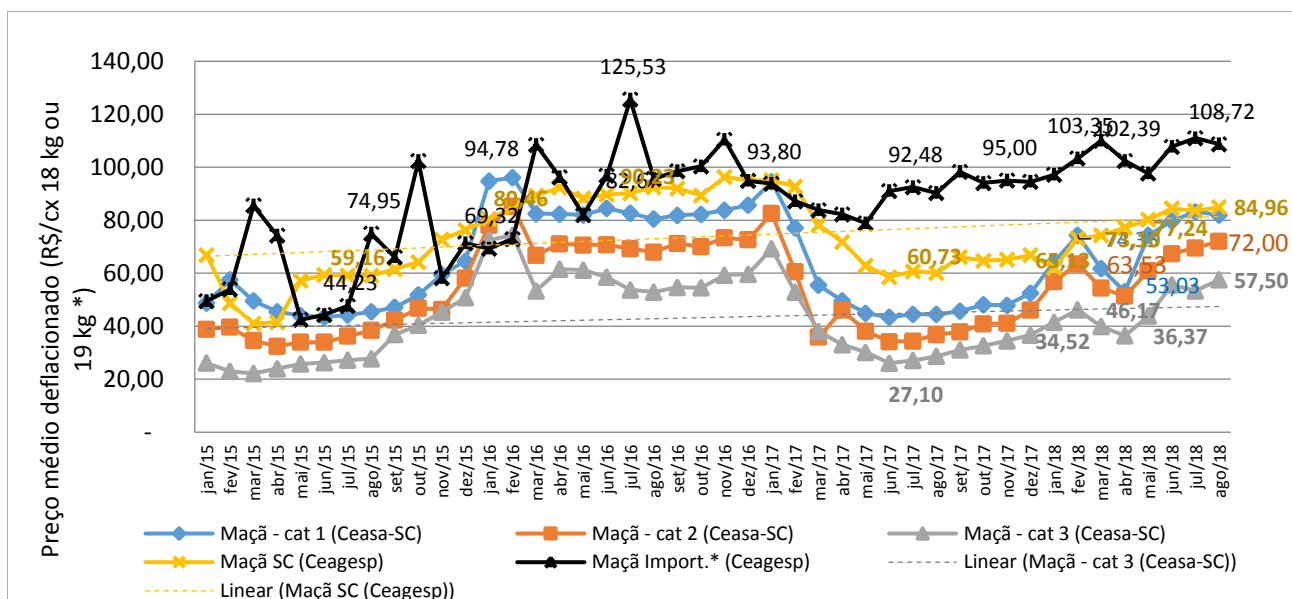
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	9
Arroz	9
Milho.....	12
Soja	16
Trigo.....	18
Hortaliças	20
Alho.....	20
Cebola.....	22
Pecuária	24
Avicultura.....	24
Bovinocultura	31
Suinocultura.....	36
Leite	44

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (ago/18=100)

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

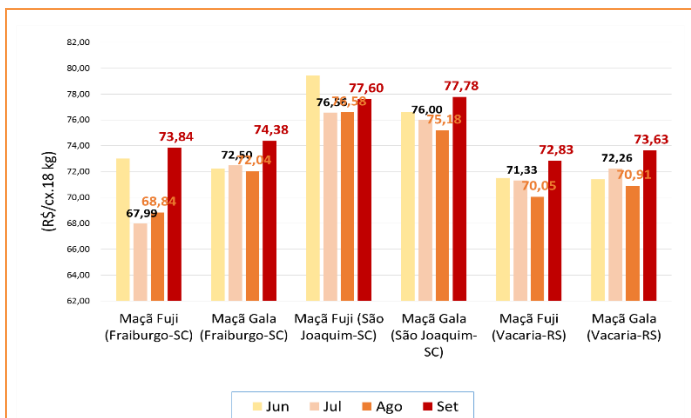
Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Entre junho e julho de 2018 os estoques da fruta estavam elevados e havia necessidade de escoar a produção de frutas frescas. Com isto, os preços da maçã cat. 3, em maior proporção, se desvalorizaram em 4,02% na Ceasa/SC e em 1,02% na Ceagesp, para a maçã de origem catarinense.

Na Ceasa/SC, no comparativo entre julho de 2018 e de 2017 os preços da maçã categoria 1 estavam valorizados em 86,7%. Por sua vez, a fruta classificada como cat. 3 apresentava apenas 64% do valor médio da cat.1. Em agosto de 2018 o aquecimento da demanda pela fruta e a oferta menor da entressafra, ajudaram na valorização do preço da maçã. Por outro lado, a maçã Fuji cat. 1 (A.N.), em final de safra, é negociado a preços 1,43% menores que os do mês anterior.

Na Ceagesp, em agosto de 2018 a maçã catarinense recuperou a desvalorização ocorrida em julho, com cotações 1,62% maiores que as do mês anterior. Em comparação aos preços negociados no mesmo mês do ano anterior, houve recuperação da cotação no atacado, com valorização de 38% em julho e 41% em agosto do preço da maçã catarinense comercializada na central paulistana. Em agosto, a maçã importada seguiu tendência ascendente, com os preços 20% maiores que os do mesmo mês de 2017.

A expectativa é de aumento da demanda pela fruta nos próximos meses, quando começam a ser negociados os estoques em atmosfera controlada (AC), com melhor qualidade e aceitação no mercado. Com a valorização da moeda norte-americana (US\$), o preço da maçã importada fica pouco competitivo no mercado interno e garante demanda para as frutas nacionais em entressafra.

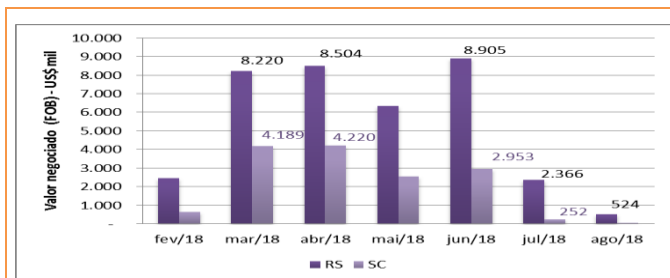


Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

previsão de volume e qualidade superiores aos da safra passada.



Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada em caixa de 19 kg

Fonte: Epagri/Cepa e Comexstat/MDIC.

Maçã – Valor (US\$ (FOB) e Volume (t) exportado de SC e RS

Em Fraiburgo, no mês de agosto houve valorização de 1,3% nas cotações da maçã Fuji. Mas, na primeira quinzena de setembro o preço pago ao produtor nas classificadoras é valorizado para as frutas já estocadas e agora negociadas no mercado. Nos pomares, as macieiras já estão no início da brotação para a safra 2018/19.

Em São Joaquim, houve maior desvalorização da maçã Fuji no mês de julho, e da Gala em agosto, como forma de escoar a produção. Procedimentos de indução da quebra de dormência garantiram o início da brotação, mas com expectativa de ocorrer atraso em sete dias na floração plena. O início da floração é previsto para a 1ª ou 2ª semana de outubro, mas com

Em 2018, as exportações brasileiras de maçãs foram de US\$ 52,3 milhões (FOB), sendo 25% maiores que as de 2017. Desse total, os valores negociados oriundos de Santa Catarina representaram 28,4% do total; enquanto o Rio Grande do Sul participou com 71,4%.

O volume exportado brasileiro da fruta foi de 70,8 mil toneladas e 28% maior que o comercializado em 2017. O estado catarinense participou com 30,3% do total, com 21,4 mil toneladas. Entre março e abril de 2018, 16,8% do volume total exportado foram de origem catarinense. O estado gaúcho exportou 49,2 mil toneladas da fruta, sendo que 59,7% do total nacional de origem gaúcha foram exportados entre março e junho de 2018.

Maçã – Comparativo entre as estimativas inicial e atual de 2017/18 – Santa Catarina

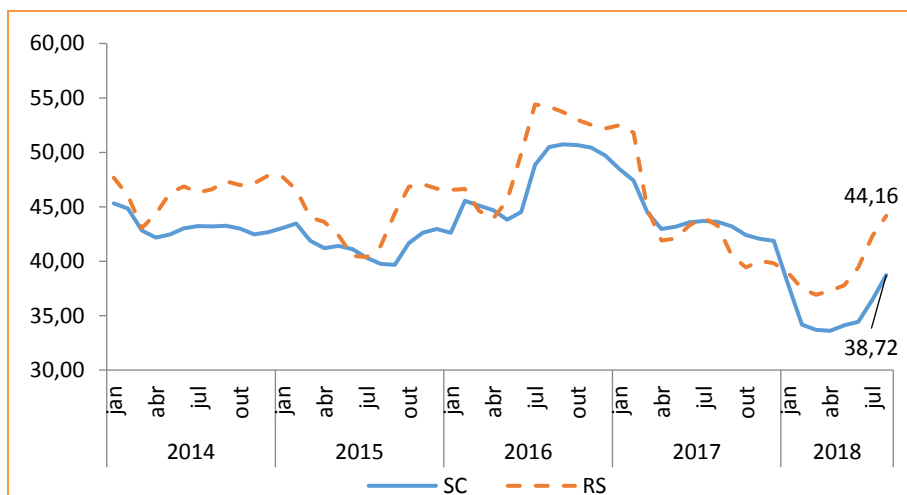
Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa inicial Safra 2017/18			Estimativa atual Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha ⁻¹)	Área Colhida	Produção	Produt. média
Joaçaba	3.040	107.854	35.478	3.040	116.655	38.373	0,00%	8,16%	8,16%
Canoinhas	140	3.646	26.046	138	3.646	26.420	-1,43%	0,00%	1,44%
Curitibanos	995	33.288	33.455	995	36.004	36.185	0,00%	8,16%	8,16%
C. Lages	11.972	468.739	39.153	11.972	466.866	38.996	0,00%	-0,40%	-0,40%
Outras	4	30	7.500	4	30	7.500	0,00%	0,00%	0,00%
Total	16.151	613.557	37.989	16.145	623.171	38.598	-0,04%	1,57%	1,60%

Fonte: Epagri/Cepa (Ago. 2018)

Grãos

Arroz

Gláucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

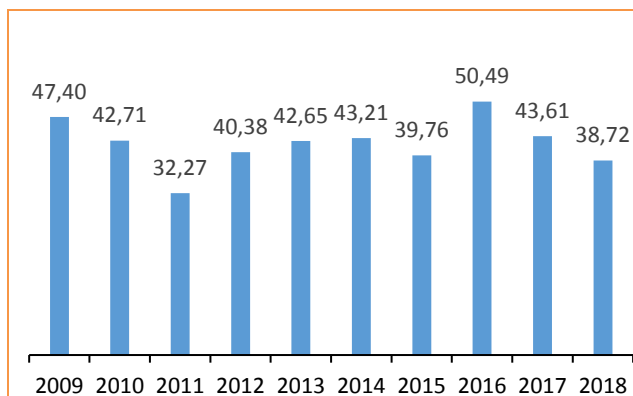


Agosto de 2018 foi marcado por aumento dos preços do arroz em casca em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. A redução da intenção de plantio no Rio Grande do Sul, como resultado do endividamento dos produtores, altos custos e baixa rentabilidade nas últimas safras, bem como a valorização do Dólar frente ao Real, sustentam os preços do arroz no mercado. Embora a alta do dólar favoreça as exportações, o produtor que precisa acessar crédito para custeio de sua lavoura, e que

Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS)

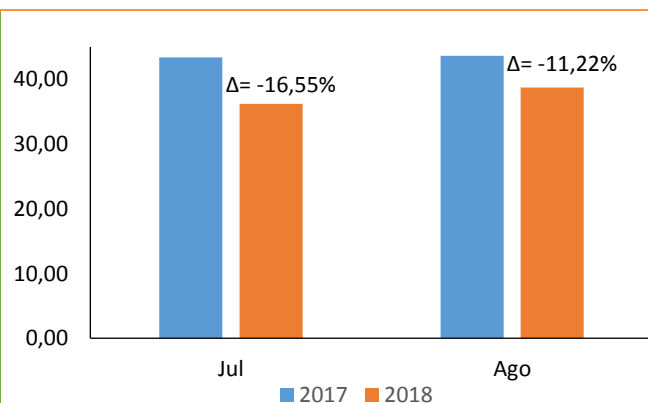
Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Ago./2018) – R\$/sc 50kg

por isso acaba por atrasar a compra de insumos, tende a ter custos de produção cada vez mais elevados. Na média mensal de agosto os preços catarinenses fecharam em R\$38,72/sc. Apesar da tendência crescente dos preços, estes ainda estão abaixo daqueles observados nas duas últimas safras. Em comparação com os preços de 2017, no mês de agosto, em 2018 os preços no mesmo mês foram 11,22% menores. E comparativamente aos preços reais no mesmo mês dos anos anteriores, observa-se que este é o menor preço desde 2011.



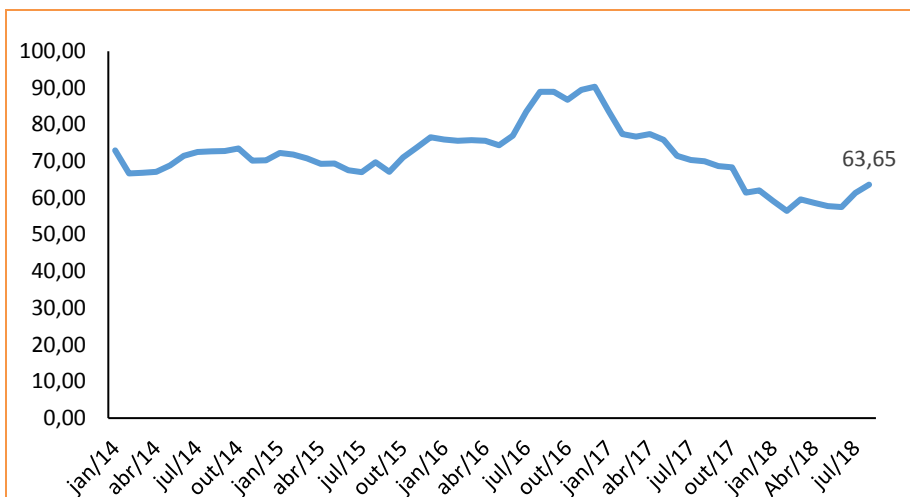
Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – Preço médio real no mês de agosto, de 2009 a 2018.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – comparativo preços reais ao produtor em SC nos meses de julho e agosto de 2017 e 2018

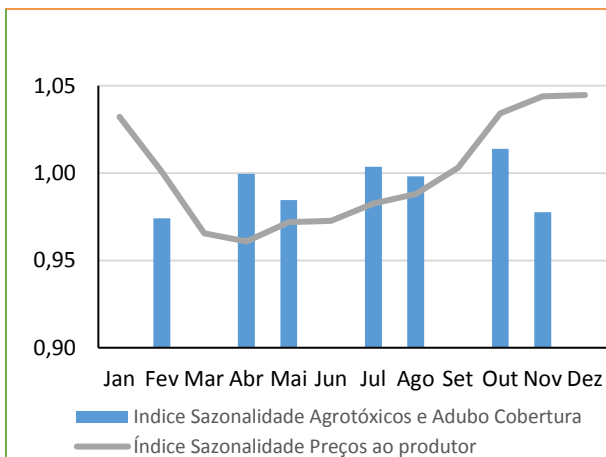


Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz beneficiado – Evolução do preço médio real mensal no atacado – Santa Catarina (Jan./2014 a Ago./2018) – R\$/sc 50kg

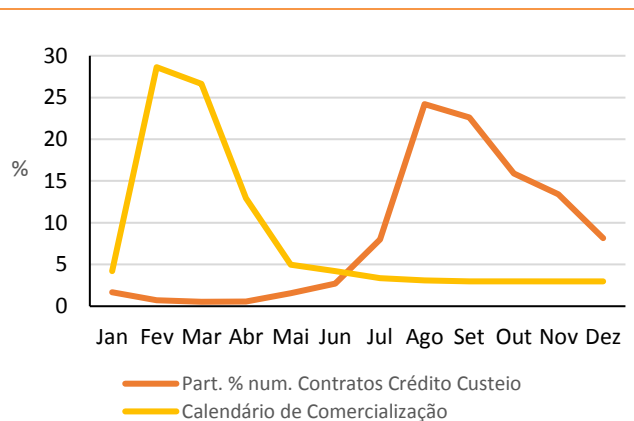
Aos poucos o mercado vai se ajustando e os aumentos observados nos preços ao produtor começam a ser incorporados nos preços no atacado. Comparativamente à julho, os preços de agosto de 2018 foram 3,76% maiores em Santa Catarina em termos reais. A média mensal fechou em R\$63,65 o fardo de 30 kg de arroz beneficiado. Embora tenha havido repasse aos preços no atacado, essa variação ainda é inferior à variação observada nos preços ao produtor, devido à grande dificuldade de

aceitação de elevação significativa nos preços pelo consumidor final.



Fonte: Epagri/Cepa.

Índice de sazonalidade dos preços de agrotóxicos e adubo de cobertura e preços ao produtor



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – Distribuição mensal da comercialização e número de contratos de crédito custeio

Em um cenário de incerteza política e valorização do dólar, resta ao produtor fazer as melhores escolhas e planejamento de sua atividade, procurando reduzir custos e vender seu produto no melhor momento do mercado. Uma das formas de reduzir o custo de produção é a compra antecipada de insumos, no momento em que os preços dos agrotóxicos e adubos estão menores. No estado de Santa Catarina, os meses de fevereiro, maio e novembro são aqueles em que os preços dos principais insumos estão mais baixos, principalmente pela baixa procura pelos mesmos. Do lado da venda do produto, os meses de setembro a janeiro são aqueles em que o preço ao produtor pode estar até 8% acima do preço médio da safra, em função do período de entressafra e baixa oferta do produto no mercado. Contudo, a segunda figura do quadro acima mostra o momento em que o produtor comercializa seu produto e quando ocorre a concentração na concessão de crédito custeio no estado. Observa-se que a comercialização do grão em Santa Catarina está concentrada nos meses de janeiro a maio, mas o destino dessa venda é o pagamento das dívidas de financiamento contraídas no início da safra, o que impede tanto a aquisição antecipada de insumos quanto o acesso ao crédito para custeio da lavoura, que se intensifica no estado entre agosto e

dezembro de cada ano. Tal análise permite concluir que aquele produtor que se capitalizar de uma safra para outra tem maior possibilidade de reduzir custos e se manter na atividade no longo prazo.

Arroz Irrigado – Comparativo safra 2016/17 e safra 2017/18 – Santa Catarina									
Microrregião	Safrá 2016/17			Safrá 2017/18			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. Médio
Araranguá	51.730	401.179	7.755	51.530	404.001	7.840	-0,39	0,70	1,09
Blumenau	8.379	72.962	8.708	8.356	67.345	8.059	-0,27	-7,70	-7,44
Criciúma	20.857	167.558	8.034	20.857	162.944	7.812	0,00	-2,75	-2,75
Florianópolis	3.095	17.336	5.601	2.660	17.336	6.517	-14,05	0,00	16,35
Itajaí	9.261	76.190	8.227	9.111	73.128	8.026	-1,62	-4,02	-2,44
Ituporanga	269	2.152	8.000	277	2.475	8.935	2,97	15,01	11,69
Joinville	20.036	167.916	8.381	19.536	164.871	8.439	-2,50	-1,81	0,70
Rio do Sul	10.759	89.384	8.308	10.702	95.926	8.963	-0,53	7,32	7,89
Tabuleiro	146	1.238	8.479	126	1.056	8.381	-13,70	-14,70	-1,16
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.094	160.020	7.586	21.094	173.214	8.212	0,00	8,25	8,25
Santa Catarina	148.316	1.176.234	7.931	146.939	1.182.596	8.048	-0,93	0,54	1,48

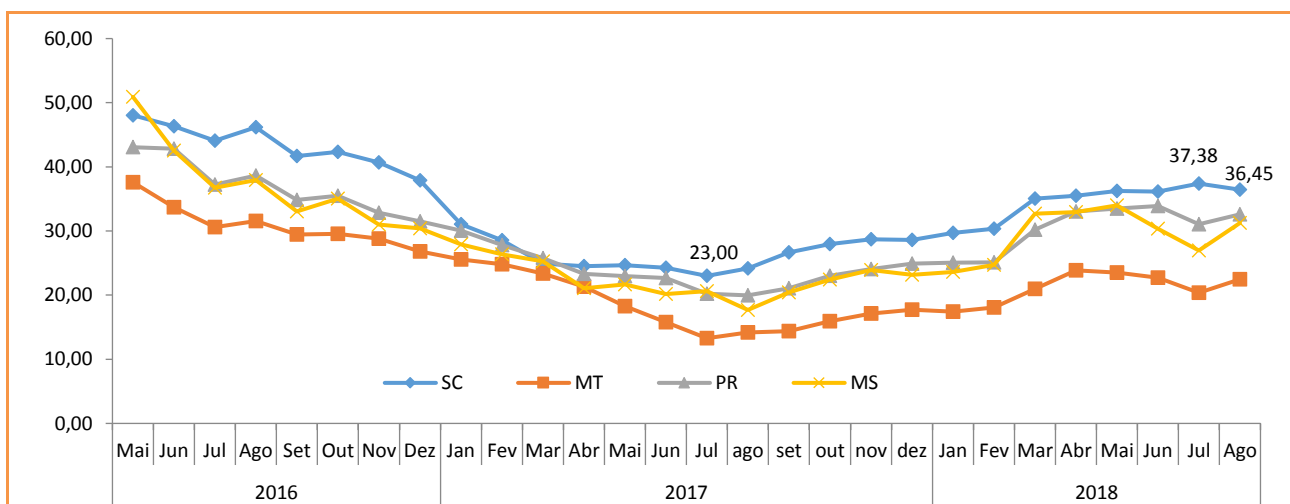
Fonte: Epagri/Cepa (Junho/2018).

A safra 2017/18 de arroz irrigado comparativamente à safra 2016/17, apresentou aumento de 0,54% da produção, justificado principalmente pelo aumento da produtividade, que superou a expectativa inicial e fechou em 8.048kg/ha (média de 161 sacos de 50kg por hectare) e foi 1,48% maior do que a observada no ano anterior. A condição climática favorável, investimento em tecnologia e cultivares de alto potencial de produtividade, bem como baixa condição para ocorrência de brusone, principalmente na Região Sul do estado, explicam a boa safra obtida no ano. Para a safra 2018/19 a expectativa, embora não oficial, é de que ocorra uma leve redução da área. No estado, cerca de 35% da área já foi semeada, com plantio mais adiantado nas microrregiões de Joinville, Criciúma e Blumenau.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

No estado, o preço do milho apresentou no mês de agosto, após 12 meses consecutivos de movimento altista, quebra desta sequência, com um recuo nas cotações de 2%. No entanto, nos estados produtores de segunda safra, os preços reagiram mesmo antes de finalizar a colheita. Este fator confirma as estimativas de quebra da segunda safra, com redução de 25% quando comparado à safra anterior. Com isto, segue a tendência de preços fortalecidos nos próximos meses, o que refletirá aqui no estado. No Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná as cotações em agosto registraram R\$ 22,46/sc, R\$ 31,26/sc, R\$ 32,58/sc, respectivamente, elevação em média de 10,3% nos preços nestes estados relativos ao mês anterior, como pode ser visualizado no gráfico abaixo. Em Santa Catarina, apesar do recuo neste mês, os valores praticados continuam sendo os mais elevados desde janeiro de 2017, quando foi cotado em R\$36,45,. No fechamento deste boletim, os preços retomavam força, com a saca de 60kg sendo cotada a R\$ 37,38 no dia 17/09/18.. Em relação ao mês correspondente do ano anterior (agosto/2017), o valor pago ao produtor está 50,8% superior.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2016 a agosto/2018. Corrigido IGP-DI

Panorama estadual – Safra 2017/18

A safra de milho está finalizada, incluindo primeira e segunda safras, totalizando 2,57 milhões de toneladas. Em relação à safra passada (2016/17) houve uma retração de 20,5% na produção total. Fatores climáticos levaram a um rendimento menor nesta última safra, especialmente estiagem no período de floração na região de Campos Novos e no início do plantio em São Miguel do Oeste. Considerando a média de

rendimento das últimas três safras, que foi de 7.970 Kg/ha¹, a safra que se encerrou pode ser considerada normal.

Acompanhamento da Safra – Milho grão

Presenciamos, nos últimos anos um decréscimo constante na área cultivada de milho no estado. Da safra 2012/13 à safra 2017/18 ocorreu uma redução na área em mais de 30%, que representam mais de 150 mil hectares. O estado deixou de produzir em torno de 700 mil toneladas de grãos no período 2013-2018. Contudo, esta redução só não foi maior em virtude do aumento da produtividade, que, no mesmo período, apresentou um acréscimo de 1.000 kg/ha, conforme apresentado nos gráficos abaixo.



SAFRA 2018/19.

Paraná – Estimativa inicial do Deral-PR apresenta recuperação de área de 6% para milho 1ª safra, o que representa 20 mil hectares, porém pouco expressivo em relação à produção, bem diferente da safra 2017/18, em que houve recuo de mais de 30% na área cultivada.

Rio Grande do Sul – Após cinco anos consecutivos de declínio na área plantada, o milho também volta a mostrar reação, devendo cultivar 738 mil hectares, em torno 1% superior à safra anterior, que corresponde a aproximadamente 30 mil hectares (Emater-Ascar, Informe Conjuntural, 30. Ago/18).

Santa Catarina – Seguindo a tendência dos demais estados do Sul do Brasil, o estado deverá apresentar recuperação de área cultivada com o cereal. Dados preliminares mostram comportamento diferenciado

¹ Informações do Sistema de Acompanhamento de Safras, Epagri/Cepa, 2015-2018.

entre as regiões do Estado. Nas regiões de Joaçaba e Campos Novos apresenta elevação de área em torno de 10%. Mesmo comportamento na região de Xanxerê, mas com elevação mais modesta de 3% de incremento da área frente a safra anterior. Chapecó e Concórdia apresentam leve declínio de área. No Norte do Estado, regiões de Canoinhas e Mafra, as áreas devem permanecer com plantio semelhante a safra anterior. No computo geral, a área deverá ser de 3 a 5% superior à safra anterior. O período, início de setembro foi de intensificação no plantio da nova safra, mesmo com o solo apresentando ainda umidade acima do ideal em algumas áreas, Oeste do estado. Os números estão sendo consolidados no levantamento da safra, com relatório especial da Safra 2018/19 no final de setembro.

No Sul do Brasil a recuperação da área de cultivo do milho está fundamentada em três fatores: necessidade de rotação com a soja (fator técnico registrado em boletins anteriores), uma vez que em algumas regiões houve incidência de mofo branco, causando prejuízos no rendimento final; preços praticados durante o ano, que estão competitivos com a soja, e elevação dos custos do frete, que encarecem o transporte do milho do Centro Oeste até o Sul do Brasil, em especial SC e RS, estados importadores do cereal. Deste modo, algumas agroindústrias estão fechando contratos futuros com preços na faixa de R\$ 35,00/sc, com entrega em março/abril de 2019.

Safra nacional

Exportações: De acordo com o MDIC (Ministério da Indústria, Comércio Exterior) o volume de milho exportado no mês de agosto/18 foi de 2,89 milhões de toneladas. Apesar do crescimento de 147% em relação ao mês anterior, o volume continua abaixo do comparado com o mesmo período da safra passada em -44,8%². O baixo volume se deve, principalmente, a menor perspectiva de produção do cereal no país neste ano agrícola, que se encerra em setembro, com preços internos fortalecidos, aliada ao alongamento da janela de exportação da soja.

Milho primeira safra 2017/2018: A produção está estimada em 26,8 milhões de toneladas, 12% inferior à safra passada, influenciada, principalmente, pela redução na área semeada, sendo que no sul do Brasil a redução foi mais significativa.

Milho segunda safra 2017/2018: a colheita está na reta final. A redução na área cultivada aliada ao forte estresse hídrico, resultou em perdas de produtividade, derivando numa produção de 54,5 milhões de toneladas, sendo 19,1% inferior à safra passada.³

Balanco da produção mundial de milho

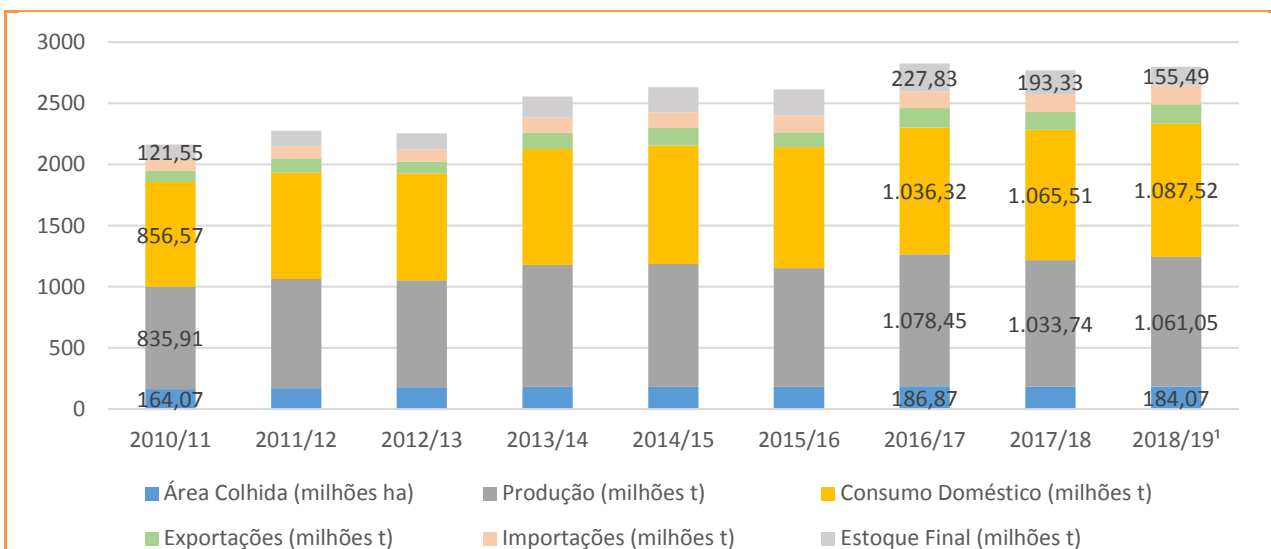
Produção: Segundo a USDA, para a safra 2018/19 a produção está estimada em 1,061 bilhão de toneladas (ago/18). No relatório atual aumentou para 1,07 bilhão de toneladas, resultado da boa safra americana 2017/18, que inicia colheita no mês. No cenário, está a recuperação da produção argentina para 2018/19 e da produção da segunda safra no Brasil e Paraguai, o que poderá elevar a produção global para próximo ano.

Consumo: O consumo mundial do grão vem apresentando aumento significativo nos últimos três anos, conforme apresentado no gráfico abaixo;

² MDIC. <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>

³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 5 - Safra 2017/18, n.11 - Décimo segundo levantamento, 9 de setembro 2018

Estoques: Os estoques vêm diminuindo nos últimos três anos, levando a um abastecimento justo. No Brasil, mesmo com a redução da segunda safra, os estoques estimados passam de 17 milhões (inicial) para próximo de 13 milhões de toneladas (estoque final- 2017/18), segundo a CONAB, relatório de junho/18. O fator decisivo no nível de estoque de milho no Brasil até final do ano será o ritmo das exportações, já avaliadas anteriormente, que indica que não alcançarão as 30 milhões de toneladas realizadas em 2017.



Fonte: USDA, ago.

Milho – Evolução do balanço da produção mundial de milho, área colhida, produção, consumo doméstico, exportações estoques. 2010/11 - 2018/19.

Climatologia⁴ (o que se espera para próximo trimestre):

A média de chuva nos meses de setembro e novembro é de 150 a 170mm no Oeste e Meio Oeste e de 110 a 130 mm no Planalto, Vale do Itajaí e Litoral. No mês de outubro, a média de chuva chega a 210mm no Oeste e Meio Oeste e a 150mm no Planalto Sul e Norte e no Litoral Norte.

Setembro e outubro marcam a transição inverno/verão, dando início as chuvas de primavera, com totais mensais mais elevados em relação aos meses anteriores. Na primavera aumenta a incidência de temporais com granizo e ventania em SC, por vezes com acumulados significativos de chuva em curto espaço de tempo, bem como períodos de estiagem. A chuva no trimestre é causada pela passagem de frentes frias, por Sistemas Convectivos de Mesoescala (SCM), que provocam chuvas mais intensas no Oeste e Meio Oeste.

Temperatura:

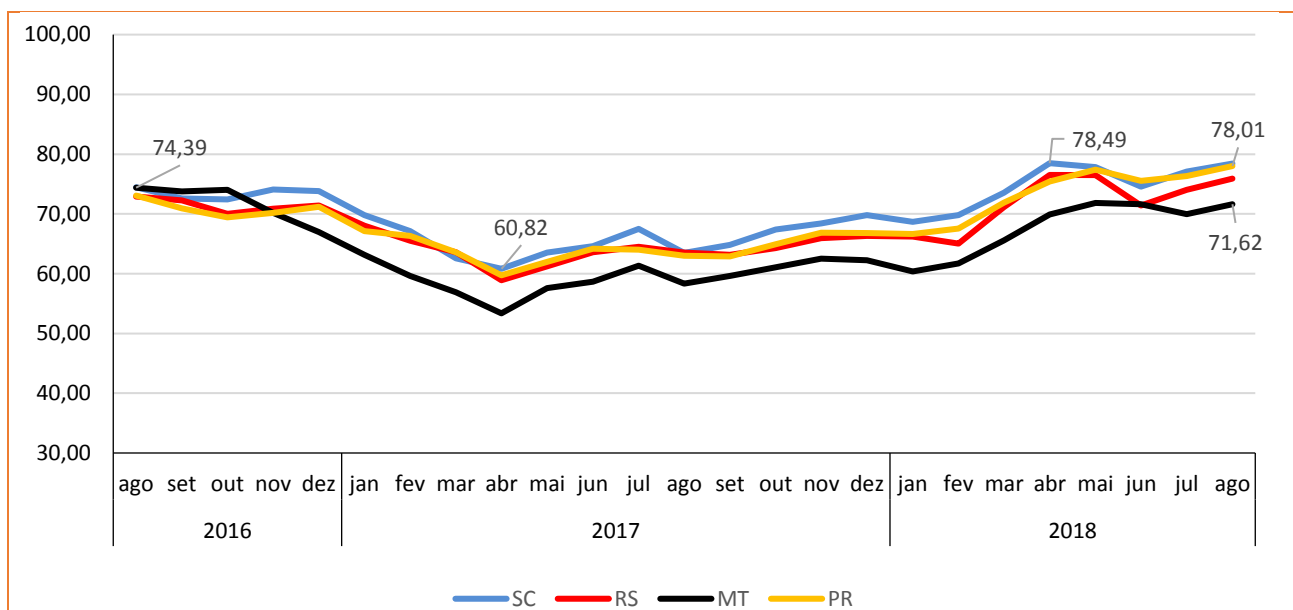
Para o trimestre a **previsão é de temperatura acima da média climatológica**. No início de setembro podem ocorrer dias mais frios, com temperatura baixa e formação de geada isolada ao amanhecer nas áreas altas do Meio Oeste e no Planalto Sul. Porém, a maior parte dos dias de setembro, outubro e novembro serão de temperatura acima do esperado.

⁴ http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

A soja continua com preços pagos aos produtores fortalecidos. Somente em junho houve recuo na cotação, registrando R\$ 71,62; R\$ 78,01 e R\$ 75,93 (saca de 60 kg) no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de julho, os preços tiveram um reajuste de 2,36% nestes estados. No comparativo com o mês de agosto de 2017, a variação média dos preços nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de 21,17%. Em Santa Catarina, os preços apresentaram comportamento semelhante, com elevação de 1,74% entre julho e agosto/18, com a saca cotada a R\$ 78,45.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS)

Soja – Preço médio mensal pago ao produtor - MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a junho 2018. Corrigido IGP-DI.

PANORAMA REGIONAL

Na produção de soja em Santa Catarina na safra 2017/18 se confirmou expansão na área cultivada, com incremento de 3,9% em relação à safra 2016/17. Alcançou 684 mil hectares cultivados, com produção de 2,45 milhões de toneladas, conforme tabela abaixo. No entanto, em termos de rendimento, houve redução de 2% em relação à safra anterior, principalmente nas regiões de Xanxerê, Canoinhas e Curitibanos, incluindo Campos Novos. Estas regiões somam aproximadamente 57% da área cultivada, tendo características com área médias de cultivo acima de 150 hectares.

SAFRA 2018/19 – A maior parte das lavouras no estado tem como janela preferencial para cultivo o mês de outubro. O indicativo é de que a área cultivada se mantenha, talvez com um pequeno acréscimo, com avanço sobre a área do feijão, de pastagens e outras culturas. Nesta safra está sendo apontado cultivo da soja em mais de 1.000 hectares na Região Sul do estado, com cultivo em sucessão ao milho, milho silagem e fumo. Os números estão sendo levantados e serão validados até final de setembro.

Soja – Comparativo safra 2016/17 e 2017/18									
Microrregião	Safr 2016/17			Safr 2017/18			Variação (%)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
C. Lages	59.770	199.292	3.334	62.230	222.758	3.580	4,1	11,8	7,4
Canoinhas	131.600	501.870	3.814	129.800	450.720	3.472	-1,4	-10,2	-8,9
Chapecó	88.512	292.035	3.299	92.941	300.866	3.237	5,0	3,0	-1,9
Concórdia	5.617	20.309	3.616	5.330	19.855	3.725	-5,1	-2,2	3,0
Curitibanos	107.680	448.976	4.170	113.008	438.490	3.880	4,9	-2,3	-6,9
Ituporanga	7.690	30.174	3.924	8.240	34.140	4.143	7,2	13,1	5,6
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	255.994	3.783	18,7	7,7	-9,3
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.015	15.721	3.916	2,0	14,7	12,4
S. Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	11.500	37.020	3.219	-23,3	-25,8	-3,2
São M. do Oeste	42.790	128.454	3.002	41.277	137.399	3.329	-3,5	7,0	10,9
Xanxerê	138.650	491.408	3.544	148.040	545.578	3.685	6,8	11,0	4,0
Santa Catarina	658.254	2.413.801	3.667	684.045	2.458.541	3.594	3,9	1,9	-2,0

Fonte: Epagri/CEPA, Sistema Acompanhamento Safras, Jul. 2018.

PANORAMA NACIONAL

A produção de soja alcança recorde de 119,3 milhões de toneladas, 4,6% superior à safra passada. A estimativa de 35,2 milhões de hectares semeados na atual safra é 4,2% superior ao cultivado na safra 2016/17 e 69,9% maior do que a safra 2006/07, reafirmando o décimo primeiro aumento consecutivo na área total cultivada com a oleaginosa.⁵

FATORES DETERMINANTES DE MERCADO NO PERÍODO

- **Alta do dólar em relação ao real:** O principal fator que está mantendo os preços da soja fortalecidos no Brasil desde junho é a relação cambial dólar/real, alcançando no início de setembro R\$ 4,17—R\$ 4,20;
- **Relatório divulgado pelo USDA** (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) apresentado no dia 13 de setembro: Com o clima favorável ao longo do cultivo, gerando uma safra muito boa, o relatório apresentou uma revisão da produção norte americana para 127 milhões de toneladas⁶. O mercado sente a pressão de um significativo aumento da safra americana e de seus estoques de passagem. Preços em queda para os produtores. Com isto, o governo americano acena com subsídios;
- **China x USA:** ainda repercutem no mercado as relações comerciais entre China e USA. Com isso, o produtor brasileiro ganha a preferência na compra da soja pela China, com prêmios recordes pagos nos últimos meses;
- **Comercialização da safra brasileira:** é a primeira safra brasileira em que a comercialização não segue estritamente Chicago (CBOT). A China canalizou as compras diretamente para a safra brasileira, com os prêmios recordes e com sobretaxas ao produto americano;
- **Apesar da safra atual ser considerada muito boa** em termos de rendimento na maioria dos estados, o fator negativo foi o efeito do tabelamento dos fretes desde junho. Apesar de tudo, as exportações brasileiras seguem superando a safra anterior. Muitas empresas estão recompondo frota para transporte da safra, o que movimentou o setor de caminhões, com crescimento da produção superior a 50% no trimestre anterior⁷.

⁵Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 5 - Safra 2017/18, n.12 - Décimo segundo levantamento, setembro 2018.

⁶ Foreign Agricultural Service/USDA Sept. 2018 Office of Global Analysis <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>

⁷ <http://www.automotivebusiness.com.br/noticia/27261/producao-de-caminhoes-avanca-55-no-trimestre>

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

No mercado catarinense, os preços médios oferecidos aos produtores que possuem trigo grão disponível para comercialização variaram muito pouco, com ligeira alta de 0,23% no mês de agosto, passando de R\$43,25/saca para 43,35/saca. Em relação a um ano atrás, a variação foi positiva em cerca de 25%, ou seja, nesta safra a remuneração está sendo mais favorável aos produtores do que na safra passada. No Paraná, segundo o Deral/PR, pelo trigo de boa qualidade disponível para venda o produtor recebeu, no mês de agosto, R\$ 47,41/saca, redução de cerca de 4% em relação ao mês de julho. Comparativamente ao ano passado, os preços estão superiores em cerca de 35%. No Rio Grande do Sul os preços pagos aos agricultores tiveram um aumento de cerca de 1% no mês de agosto em relação a julho, passando de R\$ 40,78 para R\$ 41,15/saca de 60kg. Em relação ao ano passado os preços estão superiores em cerca de 30%. O mercado paulista foi o que apresentou a menor variação percentual no mês. Os produtores receberam cerca de 12% a menos no mês agosto pela saca de 60kg, que passou de R\$63,43/saca para R\$55,95/saca.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2018/19 – R\$/saca de 60kg

Estado	jul/18	ago/18	variação mesal (%)	ago/17	variação anual (%)
Santa Catarina	43,25	43,35	0,23	34,75	24,75
Paraná	49,35	47,41	-3,93	35,01	35,42
Rio Grande do Sul	40,78	41,15	0,91	31,75	29,61
São Paulo	63,43	55,95	-11,79	39,90	40,23

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Agosto/2018

No mês de agosto o mercado permaneceu bastante indefinido. De um lado, produtores esperando melhores preços e, na outra ponta, compradores de olho no término dos estoques de trigo da safra passada e aguardando bons preços para novas aquisições de trigo da safra 2018/19. Essa indefinição está fundamentada no excesso de chuvas em regiões produtoras do Rio Grande do Sul, que poderá prejudicar a qualidade da safra, que, segundo a Emater/RS, encontra-se com cerca de 36% das lavouras em fase de floração e outros 24% em fase de enchimento de grãos. No estado paranaense, cerca de 3% da safra já foi colhida, segundo o Deral/PR, em torno de 36% das lavouras a serem colhidas encontram-se em condição média, 22% em condição ruim e 42% em condição boa.

Em termos agronômicos, o relatório técnico da Emater/RS aponta que, em algumas regiões, em função da alta umidade, há ocorrência de oídio, manchas foliares e ferrugem. O excesso de umidade no solo também tem impossibilitado a entrada de máquinas para realização de pulverizações com fungicidas preventivos e/ou curativos, o que agrava a situação. A expectativa é que as condições climáticas se modifiquem nos próximos dias para que essa situação se reverta.

Nos demais países do Mercosul, como no caso do Paraguai, o excesso de chuvas tem comprometido o início das operações de colheita. Produtores estão aguardando períodos de clima mais seco para poderem entrar na área de lavoura que estão prontas para serem colhidas. Já na Argentina, as lavouras de trigo estão prestes a iniciar seu estágio reprodutivo. Nessa fase, as necessidades de água são bem maiores. A falta de chuvas na região norte do país pode comprometer o enchimento de grãos e a maturação. Contudo, a situação pode se reverter com a volta das chuvas, sem haver comprometimento dos rendimentos médios esperados. Segundo boletim informativo da *Bolsa de Cereales de Córdoba* (BCCBA), o estado geral das lavouras de trigo argentinas, na segunda quinzena de agosto, encontravam-se com 15% em condição excelente, 38% muito boa, 40% boa e apenas 7% regular.

Em Santa Catarina, cerca de 33% das lavouras implantadas encontram-se em fase de floração. As Microrregiões Geográficas (MRG) mais adiantadas são Chapecó (50%), Concórdia (50%), Xanxerê (43%), Canoinhas (15%), São Miguel do Oeste (80%), Rio do Sul (80%) e Ituporanga (80%). Nas MRG de Joaçaba, Curitibanos e Lages a floração está iniciando (5%), devendo se intensificar nas próximas semanas. Em relação a aspectos agronômicos, as condições das lavouras a campo são consideradas muito boas. Até o momento, a expectativa é de safra “cheia”. Contudo, espera-se que na fase de enchimento de grãos e maturação não ocorram problemas, como excesso de chuvas, evento que, se ocorrer em alta intensidade, certamente poderá prejudicar a qualidade e o rendimento médio das lavouras, a exemplo do que vem ocorrendo neste momento no Rio Grande do Sul.

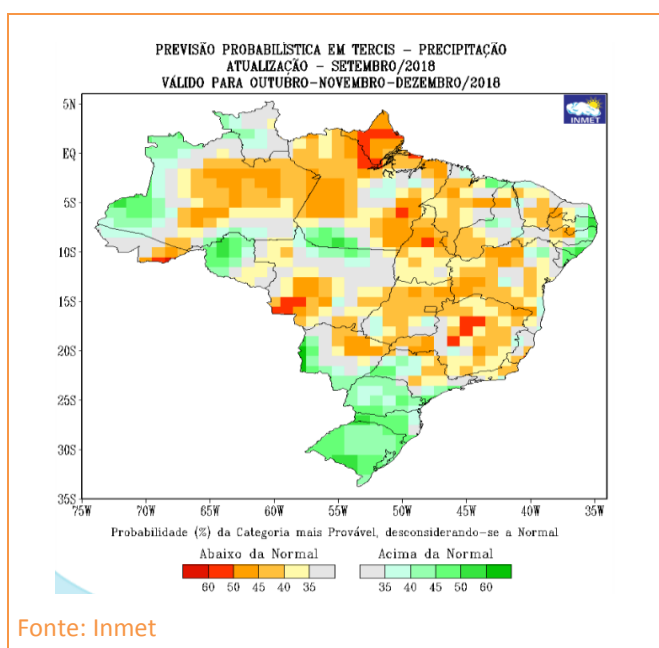
Em relação às estimativas de área, são esperados colher cerca de 54 mil hectares, número que representa um acréscimo de 1% em relação à safra passada. Em relação à produção e rendimento médio, a expectativa é de que se tenha um incremento de 34% na produção (173mil toneladas) e um aumento de 33% no rendimento médio (3.216kg/ha).

Trigo Grão – Comparativo safra 2017/18 e Estimativa atual safra 2018/19

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa atual safra 2018/19			Variação (%)		
	Área Planta-da (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área	Quant. Prod.	Rend. Médio
Campos de Lages	540	1150	2130	345	735	2130	-36	-36	0
Canoinhas	9580	27957	2918	12190	44446	3646	27	59	25
Chapecó	14030	34722	2475	12214	34178	2798	-13	-2	13
Concórdia	915	2246	2455	562	1497	2664	-39	-33	9
Curitibanos	7510	16002	2131	7500	29250	3900	0	83	83
Ituporanga	505	1054	2086	810	1913	2362	60	82	13
Joaçaba	3440	7512	2184	3260	12599	3865	-5	68	77
Rio do Sul	225	485	2156	202	521	2579	-10	7	20
São Bento do Sul	150	357	2383	230	690	3000	53	93	26
São Miguel do Oeste	2507	6511	2597	2987	7972	2669	19	22	3
Xanxerê	13795	30570	2216	13350	38725	2901	-3	27	31
Outras*	20	36	1800						
Santa Catarina	53217	128602	2417	53650	172526	3216	1	34	33

(*) Safra 2017/18: dados da MRG de Blumenau.

Fonte: Epagri/Cepa, agosto/2018)



Segundo previsão do Inmet – Instituto Nacional de Meteorologia, para o trimestre out./nov./dez. existe 40% de probabilidade de que na Região Oeste e Meio Oeste do Estado o acumulado de chuvas fique acima do normal. Isto corresponde a um volume de chuvas entre 500 a 600mm no período. No Extremo Oeste, essa probabilidade aumenta para 50%. Nas demais regiões do Estado, as chances são de 35% para que as chuvas acumuladas fiquem entre 400 e 500mm.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
 Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Nova safra de alho em Santa Catarina está em desenvolvimento vegetativo

Santa Catarina é um dos principais produtores de alho do Brasil, contribuindo com aproximadamente 22% da área colhida, segundo dados do IBGE. Apesar dos resultados econômicos não terem sido bons para os produtores na última safra, esta participação deve permanecer em função da infraestrutura das propriedades, disponibilidade de alho semente e, especialmente, pela tradição e especialização dos agricultores na produção dessa hortaliça em Santa Catarina. Nesse sentido, a área plantada nesta safra 2018/19 deverá permanecer em aproximadamente 2.500ha.

A safra catarinense de alho encontra-se em pleno desenvolvimento vegetativo. As condições climáticas, após um curto período com precipitações abaixo da média no mês de agosto, voltaram a normalidade, propiciando boas condições de desenvolvimento para a cultura.

Segundo dados do IBGE, em 2017, foram plantados 10.588 ha no Brasil, com produtividade de 11.418kg/ha. Em Santa Catarina, na safra 2017 a produção alcançou 22.793 toneladas, com produtividade média de 10.226kg/ha. Nesse sentido, Santa Catarina, como o segundo maior produtor nacional de alho, apresenta índices de desempenho produtivo semelhante aos demais estados produtores, como Minas Gerais e Goiás.

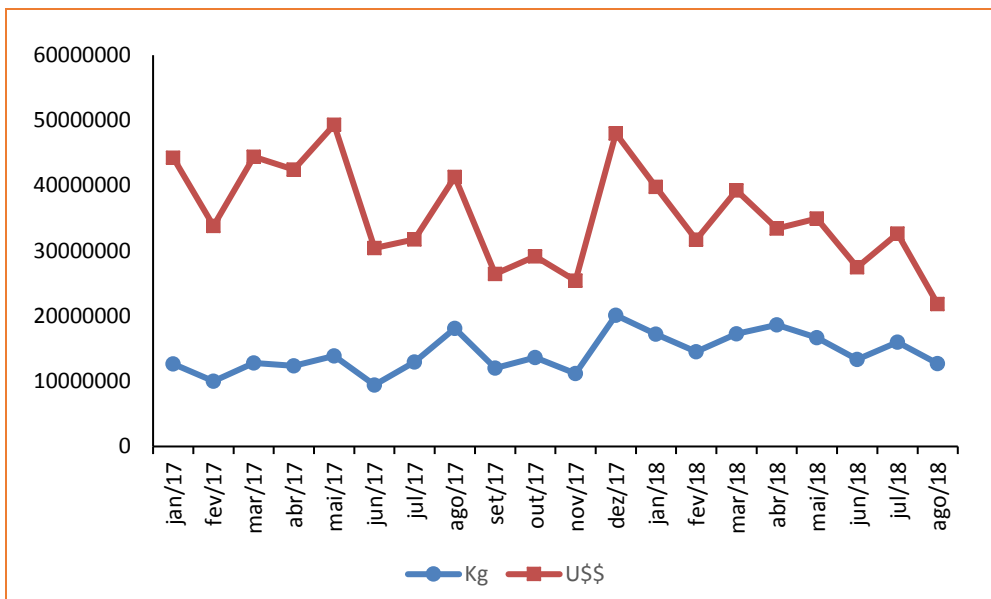
Sendo assim, os produtores imputam os riscos de mercado às importações, pois, mesmo com a proteção das taxas antidumping e Letec, a comercialização da safra catarinense foi realizada a preços abaixo do custo de produção. No caso específico da safra catarinense, dois fatores foram decisivos para este resultado. O primeiro foi a baixa qualidade comercial da safra colhida no final de 2017, pois estiagem no período reprodutivo levou a produção de bulbos pequenos, e o segundo e decisivo, foi a queda dos preços internacionais, propiciada pela maior oferta do produto nos principais países produtores, a exemplo da China.

Na Tabela 1 apresenta-se um breve histórico comparativo das importações de alho entre os anos de 2016, 2017 e de janeiro a agosto de 2018. Percebe-se que de janeiro a dezembro de 2016 foram internalizadas 172,97 mil toneladas, uma média mensal de 14,41 mil toneladas, contra um volume de 159,20 mil toneladas em 2017, com média mensal de 13,26 mil toneladas. Comparativamente, houve redução nas importações em cerca de 8% no período. Já em 2018, as importações de alho pelo Brasil mostram aumento em relação ao ano passado. De janeiro a agosto de 2018 a média de importação foi de 15,79 mil toneladas/mês, um crescimento no volume total nos primeiros oito meses de 126,39 mil toneladas, representando 19,07 % de aumento em relação ao ano de 2017.

Brasil - Importações de alho – 2016-18 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	18,65	16,67	13,33	15,99	12,70	-	-	-	-	126,39

Fonte: Comexstat/MDIC: setembro/2018.



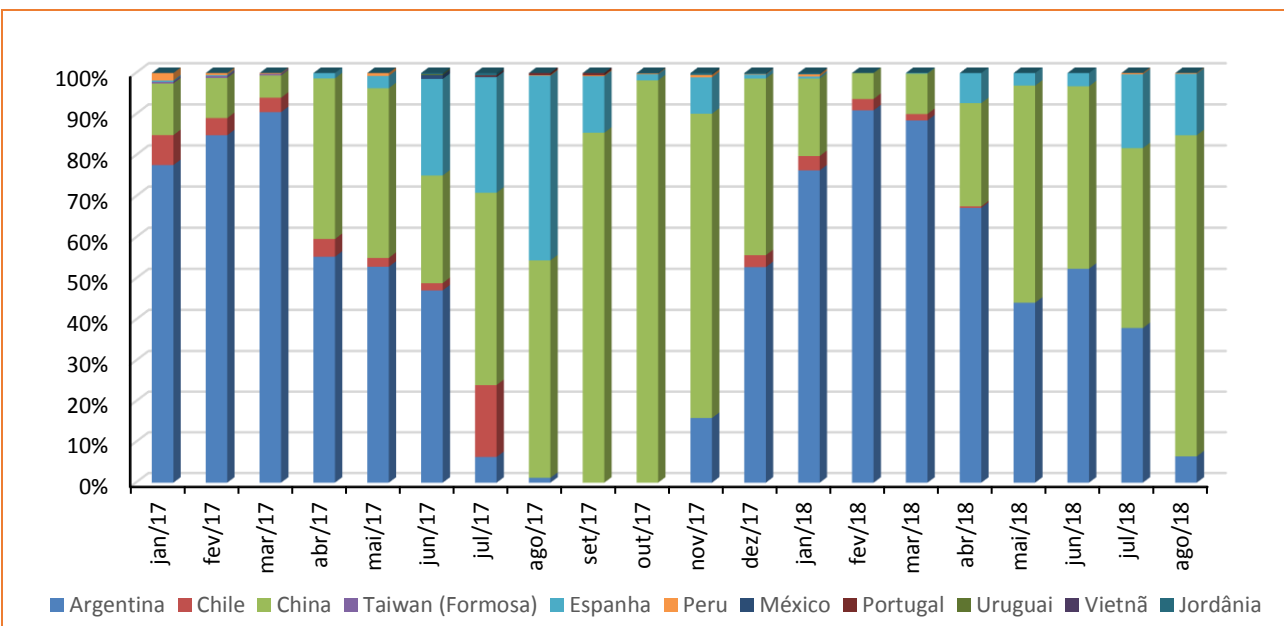
O comportamento dos preços FOB no mercado internacional do alho mostra-se, desde janeiro deste ano, com tendência de redução constante, com pequenas oscilações no período. O preço FOB registrado no mês de agosto foi o mais baixo desde janeiro de 2017, chegando a US\$ 0,718/kg.

Na figura abaixo, apresentam-se os países fornecedores

Fonte: Comexstat/MDIC: agosto/2018.

Importação de alho pelo Brasil mês a mês - 2017 e jan-ago/2018

de alho ao Brasil. No mês de agosto de 2018 o principal fornecedor foi a China, com 9,96 mil toneladas, perfazendo 78,42% do total do alho importado no período, seguido pela Espanha, com 1,9 mil toneladas, atingindo 14,96%, e a Argentina, com 0,82 mil toneladas, equivalente a 6,46 % do total importado.



Fonte: Comexstat/MDIC: setembro/2018.

Participação (%) dos países fornecedores de alho ao Brasil - 2017 - jan. /ago.-2018

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Safra catarinense de cebola em desenvolvimento vegetativo

A nova safra de cebola encontra-se em pleno desenvolvimento vegetativo. Na região do Alto Vale do Itajaí, principal região produtora de Santa Catarina, segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa aproximadamente 5% das lavouras estão na fase de bulbificação.

Nas regiões de Joaçaba e Lebon Régis o plantio foi encerrado no final do mês de agosto, tanto no sistema de semeadura direta quanto de implantação das lavouras com transplante de mudas.

Na segunda quinzena do mês de agosto, a preocupação dos produtores foi com as escassas precipitações ocorridas nas regiões produtoras da hortaliça. Porém, desde o início de setembro as chuvas voltaram em abundância e o problema foi superado, sem perdas de produção.

As expectativas em relação à safra em desenvolvimento são bastante positivas, considerando que, de forma geral, os produtores realizaram bons investimentos em tecnologias, influenciados pelos resultados econômicos da safra anterior e, também, pelo grau de especialização das propriedades em relação à produção de cebola. Dessa forma, a manutenção dos investimentos em tecnologia, as boas condições climáticas atuais e a ampliação de área plantada, estimada em até 5% na região do Alto Vale do Itajaí, são indicativos de uma boa safra para o estado de Santa Catarina.

Conforme a Epagri/Ciram, as previsões para os meses de setembro, outubro e novembro são de chuvas dentro da média, porém com distribuição irregular no estado. Por outro lado, essa condição deixa os produtores mais tranquilos em relação ao desenvolvimento da safra.

Em relação ao mercado brasileiro, no mês de agosto a oferta de cebola se manteve em alta, em função da produção nacional. As principais regiões ofertantes foram o Sudeste, como os municípios de São José do Rio Pardo e Monte Alto (SP), conforme informa a HfBrasil/CEPEA. O preço ao produtor chegou a R\$ 0,24/kg na roça, inclusive havendo sobra de produto naquela região.

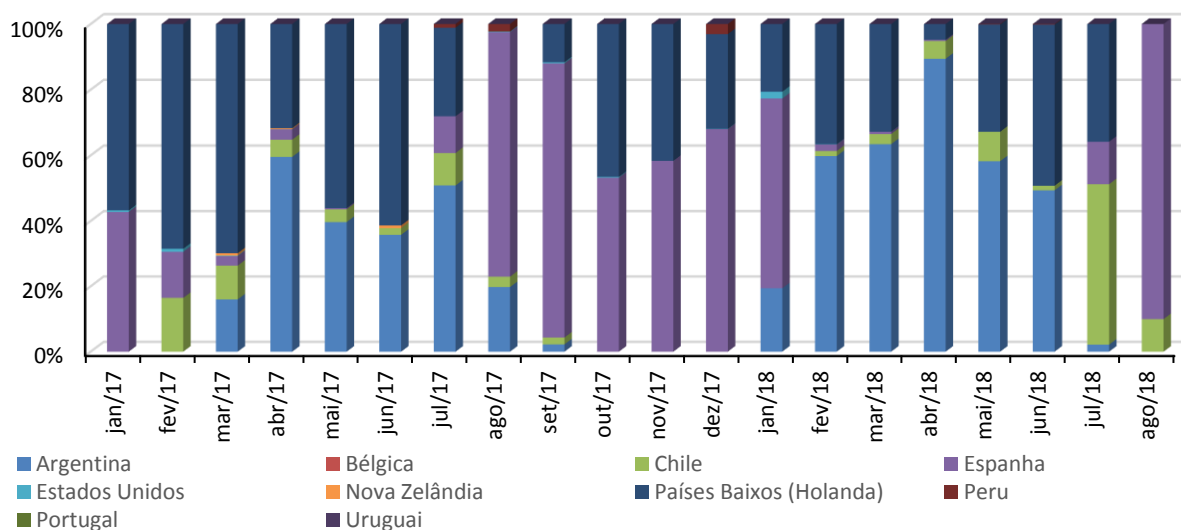
Nesse período, também contribuíram com a oferta de produto as regiões do Triângulo Mineiro, Cristalina (GO) e o Nordeste. Com a oferta da hortaliça em alta, as importações tornaram-se pouco competitivas, conforme pode ser visto adiante.

Como consequência, em todas as regiões houve redução de preço do produto. Segundo o CEPEA, no Cerrado houve queda de preço na ordem de 55% na semana de 20 a 24/08, em relação a julho, sendo a comercialização realizada a R\$ 19,40/sc de 20 kg. Em Monte Alto, na mesma semana o preço ficou em R\$ 0,24/kg ao produtor, queda de 42,9% em relação à semana anterior.

Em função da alta oferta, os produtores, de modo geral, adotaram no período a estratégia de segurar os bulbos na lavoura o maior tempo possível, na tentativa de administrar a situação e provocar alguma reação no mercado. Outro componente da estratégia foi a exportação para alguns países, como para o Paraguai, que adquiriu 3,836 mil toneladas de cebola brasileira, e a Argentina, que importou 2,697 mil toneladas.

Na Central de Abastecimento CEASA/SC, unidade de São José – SC, o preço da cebola iniciou o mês de agosto com preço médio no atacado de R\$ 1,23/kg, baixando para R\$ 1,08/kg no final do mês, refletindo as condições de mercado nacional. A redução de preço no atacado foi de 16,92% em relação ao último dia de julho e de 15% do início ao final do mês.

Na CEAGESP – principal central nacional de abastecimento, a cebola finalizou o mês de agosto refletindo fortemente a grande oferta de produto. Adentrou setembro com preço no atacado de R\$ 1,06/kg na primeira semana do mês e atingindo na segunda semana R\$ 0,93/kg, queda de 38 % em relação ao final de agosto e primeira semana de setembro.

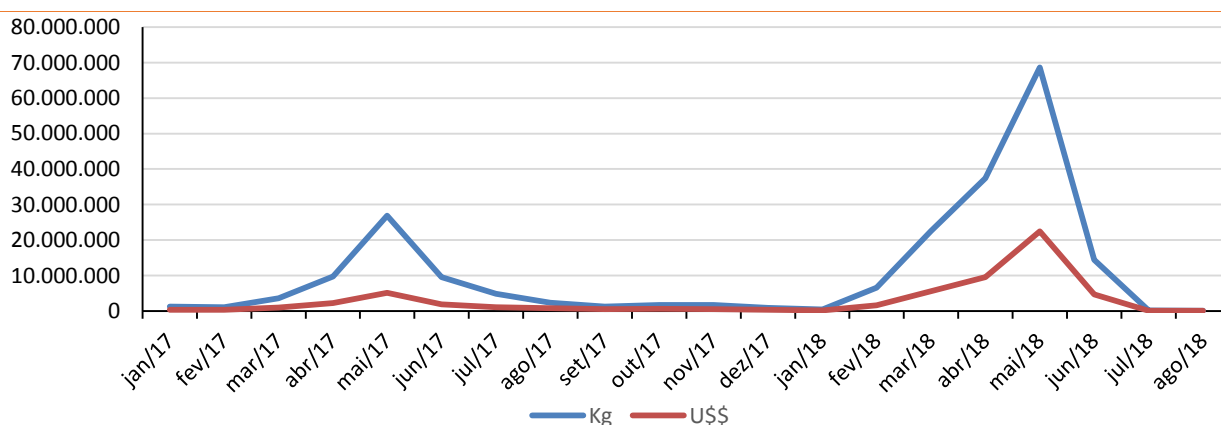


Fonte: Comexstat/MDIC – setembro/2018.

Participação (%) dos Países fornecedores de cebola ao Brasil – 2017 – jan./ago.-2018

Quanto à importação de cebola, no mês de agosto a entrada foi somente de cebola Espanhola, 104 toneladas, e Chilena, com 11,5 toneladas, totalizando 115,5 toneladas, como pode ser visto na figura acima.

Em termos de valores financeiros, o dispêndio foi de apenas U\$ 60.911, preço FOB, com custo médio de U\$ 0,52/kg, valor bem superior ao praticado no mês anterior que foi de U\$ 0,66/kg.



Fonte: Comexstat/MDIC – setembro/2018.

Importação de cebola pelo Brasil mês a mês - 2017 e jan./agosto - 2018

Observa-se que, a partir do mês de maio, há grande queda nas importações de cebola pelo Brasil, tendência mantida no mês de agosto, aproximando-se do comportamento do ano de 2017 (Figura acima).

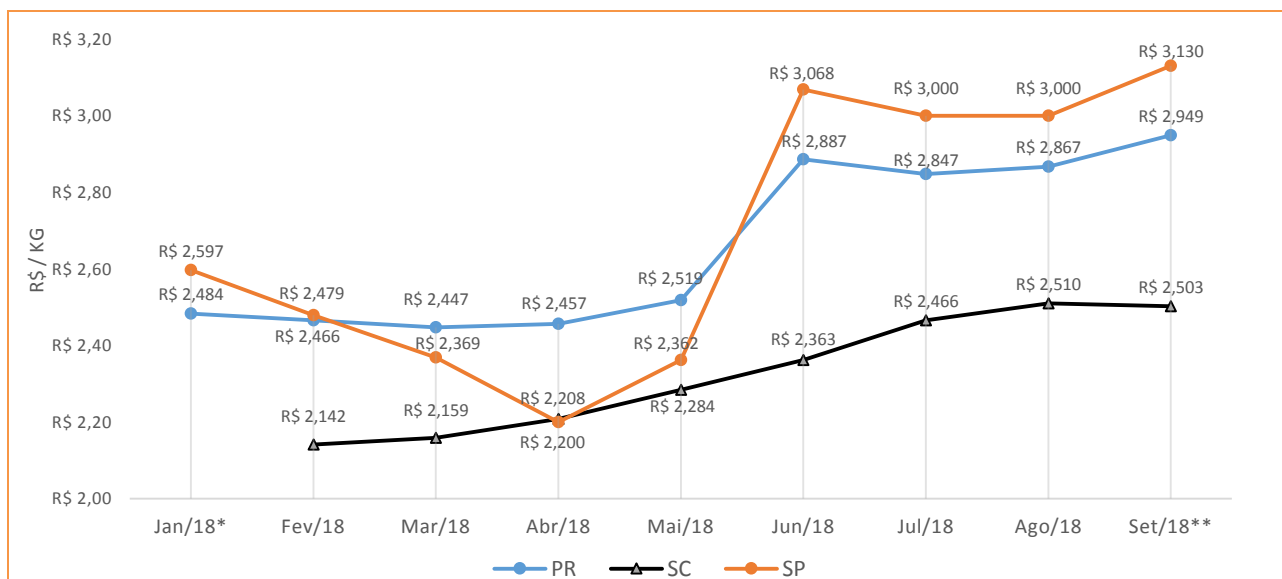
Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Mais uma vez observam-se comportamentos distintos nos preços do frango vivo nos três estados analisados no Boletim Agropecuário. Após uma queda entre junho e julho e a ausência de variação entre julho e agosto, os preços voltaram a subir em São Paulo na primeira quinzena de setembro. Até a data de finalização deste Boletim (17 de setembro), registrava-se aumento de 4,33% em relação ao mês anterior. O Paraná, por sua vez, depois de queda entre junho e julho (-1,35%) e elevação entre julho e agosto (0,68%), volta a registrar variação positiva nas primeiras semanas de setembro, de 2,86% até o momento. Já Santa Catarina registra queda de 0,30% no preço preliminar de setembro em relação ao mês anterior. Embora seja um índice pequeno, essa é a primeira vez que isso ocorre desde setembro de 2017.

Quando se confronta os valores atuais com aqueles praticados em setembro de 2017, os resultados são positivos nos três estados: aumento de 18,43% no Paraná, 21,73% em Santa Catarina e 25,20% em São Paulo. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,19%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

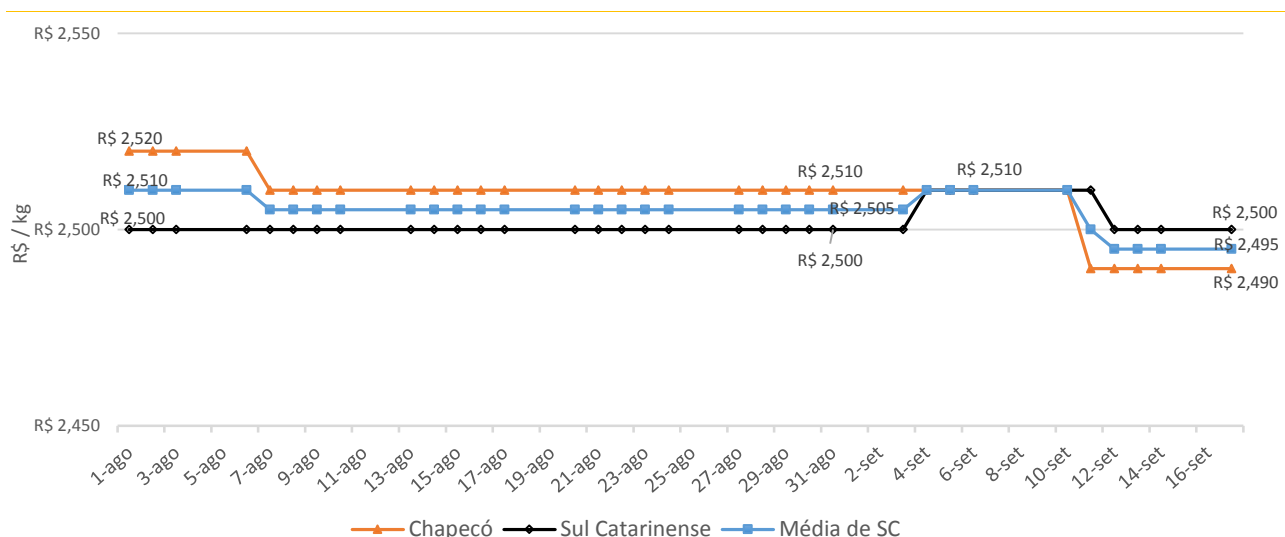
* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2018.

** Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2018

Em Santa Catarina os preços do frango vivo apresentaram comportamentos levemente distintos nas duas praças acompanhadas. Em Chapecó registrou-se queda no início de agosto e nova oscilação negativa na segunda semana de setembro. Comparando-se a média de agosto com a média preliminar de setembro, a variação é de -0,79%. Já no Sul Catarinense os preços mantiveram-se inalterados ao longo de todo o mês de agosto. No início de setembro observou-se um pequeno aumento naquela praça, mas na semana seguinte o preço voltou ao patamar anterior. Com isso, a média preliminar de setembro é 0,20% superior à de agosto.



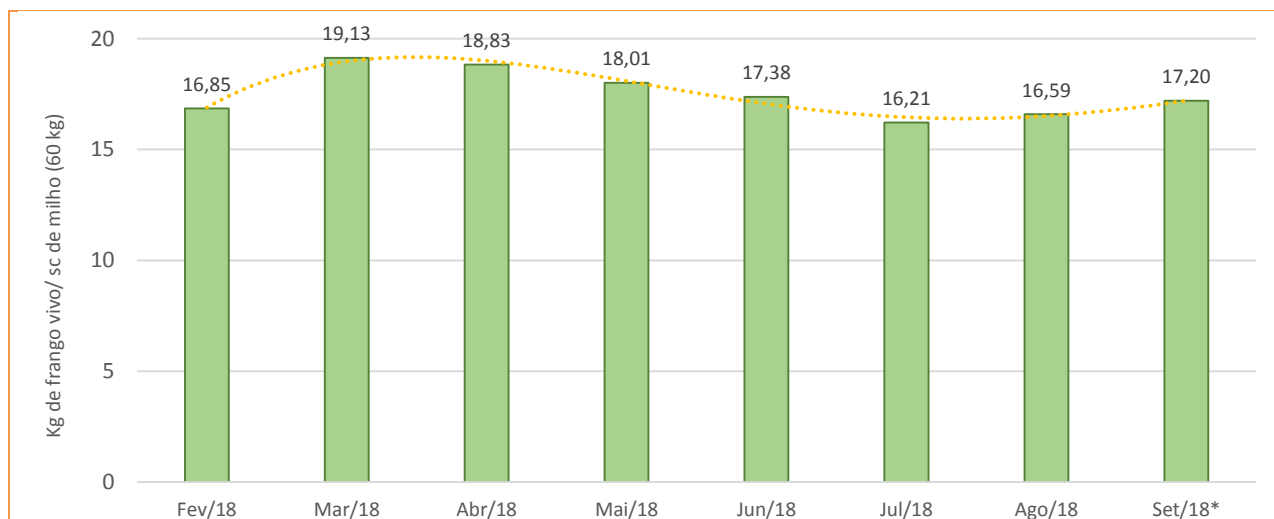
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 1/ago. a 17/set./2018

Em agosto, o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou alta de 1,24% em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula alta de 16,13%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (+14,66% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPFrango foi de 22,33%.

A relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa, apresenta variação positiva em setembro (valor preliminar), na comparação com agosto. A variação registrada até o momento é de 3,69%.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2018.

* O valor de setembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/set./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2018

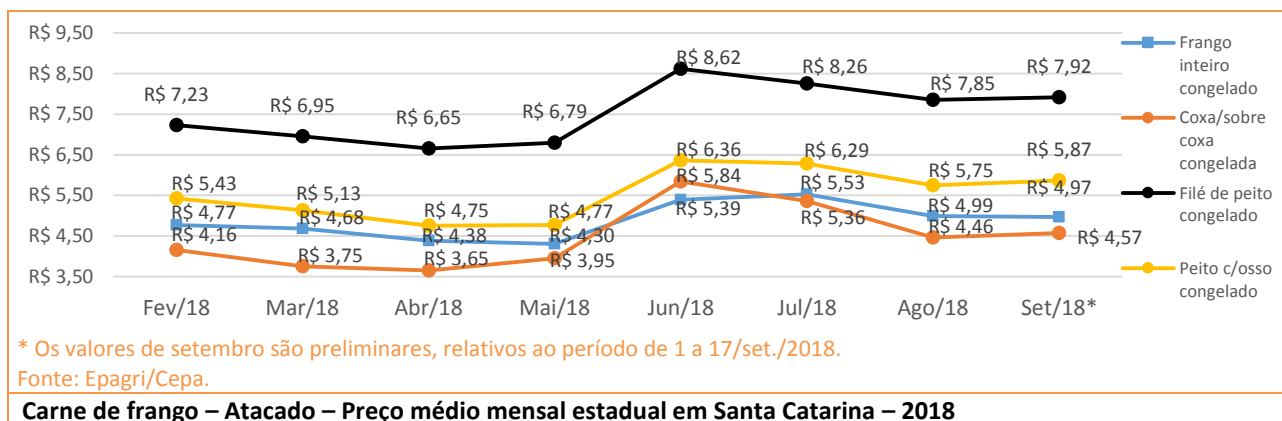
Essa variação é decorrente tanto da queda no preço do frango vivo (-0,79%) quanto do aumento no preço do milho no atacado (2,87%). Com essa variação, o preço atual do milho está 35,43% acima daquele

praticado em setembro de 2017, mas 12,44% abaixo do registrado no mesmo mês de 2016.

De acordo com o 12º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/2018, que apresenta o fechamento dessa safra, a 1ª safra de milho foi de 26,82 milhões de toneladas, 11,97% menor que no ano anterior. Ainda segundo o relatório da Conab, a 2ª safra foi finalizada com um total de 54,54 milhões de toneladas, queda de 19,06% na comparação com o ano anterior. No total, foram colhidas 81,36 milhões de toneladas, queda de 16,85% em relação à anterior. O próximo relatório da Conab deve apresentar as estimativas da entidade para a Safra 2018/2019.

Em Santa Catarina, segundo estimativas preliminares da Epagri/Cepa, a safra 2018/2019 deve registrar ampliação de 3% a 5% na área plantada com milho. Os números oficiais deverão ser apresentados na próxima edição do Boletim Agropecuário.

Em relação ao mercado atacadista, após dois meses seguidos de quedas, em setembro registram-se altas nos preços preliminares da maioria dos cortes acompanhados pela Epagri/Cepa: coxa/sobrecoxa congelada (2,47%), peito com osso congelado (2,05%) e filé de peito congelado (0,88%). Somente o frango inteiro congelado apresenta variação negativa na primeira quinzena de setembro (-0,48%). A variação média dos quatro cortes foi de 1,23%. O gráfico a seguir apresenta a evolução nos preços desde fevereiro.

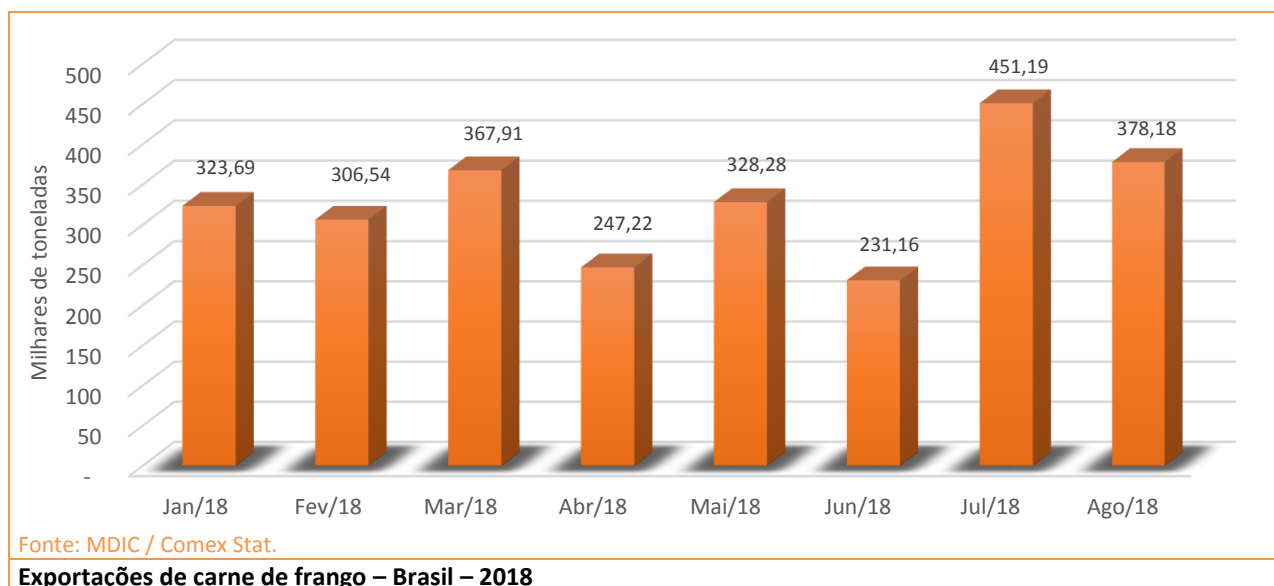


Carne de frango – Atacado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – 2018

Em coletiva de imprensa realizada no final de agosto, o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Francisco Turra, informou que as agroindústrias de carnes suína e de frango deverão elevar os preços de seus produtos em aproximadamente 15%, repassando ao consumidor final a alta nos custos do setor acumulada ao longo deste ano. Ainda segundo a ABPA, o custo logístico deverá aumentar em média 35% após a aprovação da tabela de frete, que define valores mínimos a serem pagos aos transportadores. A entidade também estima que em alguns elos da cadeia produtiva, como no caso do transporte de ração, o aumento no frete pode chegar a 80%. O estabelecimento de uma tabela com preços mínimos para os fretes foi um dos pontos de pauta pactuados entre as entidades representativas dos transportadores e o governo federal, para o encerramento da paralisação do setor ocorrida no final de maio.

Além do frete, a lucratividade do setor de carnes vem sendo afetada pelos custos de produção dos frangos, que só este ano já aumentaram 16,13%, conforme cálculos da Embrapa.

Depois do espetacular resultado de julho, quando se registrou o maior volume de carne de frango já embarcado num único mês, em agosto as exportações voltaram a cair, embora tenham superado a média deste ano. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado o país exportou 378,18 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de 16,18% em relação ao mês anterior e de 7,15% na comparação com agosto de 2017.



As receitas de agosto também apresentaram desempenho negativo: US\$ 597,83 milhões, queda de 13,73% em relação ao mês anterior e de 11,86% na comparação com agosto de 2017.

O principal destino das exportações de carne de frango brasileira em agosto foi a China, seguida de Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e África do Sul. Juntos, esses países foram responsáveis por 45,96% das receitas do período.

As receitas dos oito primeiros meses do ano somaram US\$ 4,15 bilhões, queda de 13,85% em relação ao mesmo período de 2017. Em relação ao volume, de janeiro a agosto foram exportadas 2,63 milhões de toneladas, queda de 7,94% em relação ao ano anterior.

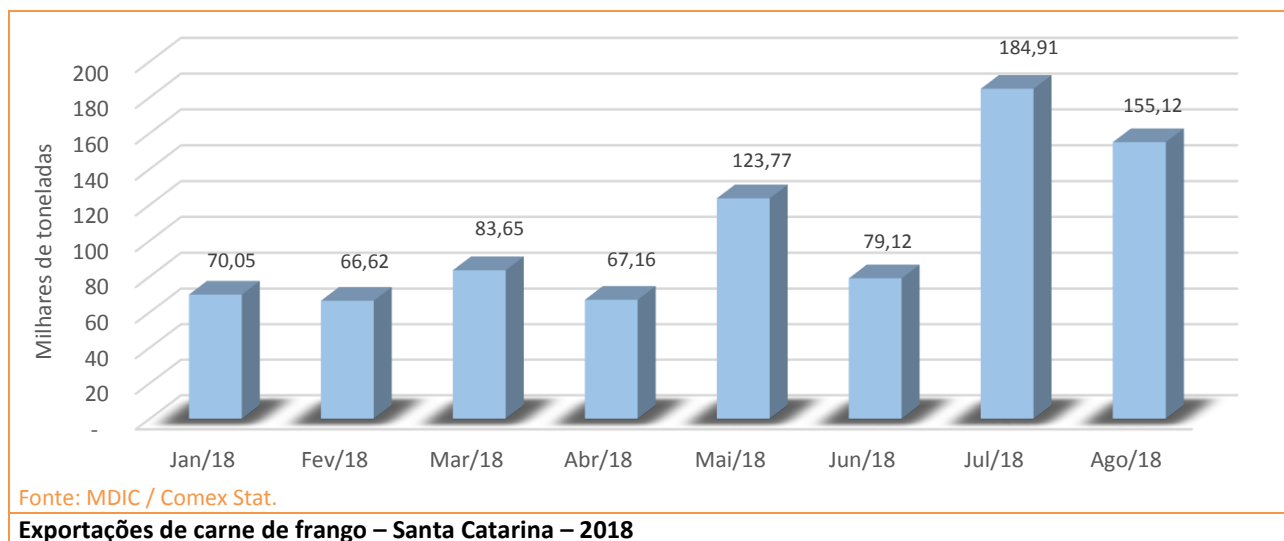
A ABPA estima que as exportações de carne de frango brasileiras caíam entre 2% e 3% este ano, em relação a 2017. As restrições impostas pela União Europeia e a imposição de medidas *antidumping* pela China devem contribuir significativamente para esse resultado. Além disso, o principal comprador da carne de frango brasileira, a Arábia Saudita, reduziu as compras em 27,35% nos primeiros oito meses do ano, principalmente em função de novas exigências de abate por parte daquele país.

Em relação à sobretaxação imposta pela China à carne de frango brasileira, durante o 1º Seminário Brasil-China realizado no início de setembro em São Paulo, o embaixador do país no Brasil, Li Jinzhang, afirmou ter expectativa de que o problema seja resolvido até o fim do ano.

Nota divulgada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) informa que uma missão de veterinários mexicanos esteve vistoriando 25 plantas frigoríficas brasileiras para potencial ampliação das compras de carne de frango do país. As vistorias foram realizadas no final de agosto e início de setembro em unidades localizadas em sete estados: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul. Em 2017 o Brasil exportou 94,58 mil toneladas de carne de frango para o México, totalizando US\$ 184,54 milhões em receitas.

Os dados do MDIC referentes às primeiras semanas de setembro (9 dias úteis), demonstram elevação na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a agosto: 24,91% em valor e 25,63% em quantidade. Na comparação com setembro de 2017, os resultados também são positivos, embora em índices menores: 9,19% em valor e 13,41% em quantidade.

Assim como o restante do país, Santa Catarina também registrou queda nas exportações de agosto, quando comparado ao mês anterior: foram embarcadas 155,12 mil toneladas, 16,11% a menos que em julho. Por outro lado, na comparação com agosto de 2017 registra-se aumento expressivo de 60,45%.



O mesmo padrão é observado nas receitas: US\$ 246,61 milhões em agosto, queda de 14,37% em relação ao mês anterior, mas aumento de 40,73% na comparação com agosto de 2017.

Os cinco principais destinos da carne de frango catarinense foram responsáveis por 46,33% do valor das exportações do estado no mês de agosto, conforme apresentado na tabela a seguir.

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	33.804.811,00	18.077
Arábia Saudita	26.755.462,00	17.443
Emirados Árabes Unidos	22.498.835,00	13.432
China	21.090.191,00	12.814
Kuwait	10.102.668,00	6.411
Demais países	132.355.084,00	86.945
TOTAL	246.607.051,00	155.122

Fonte: MDIC/Comex Stat.

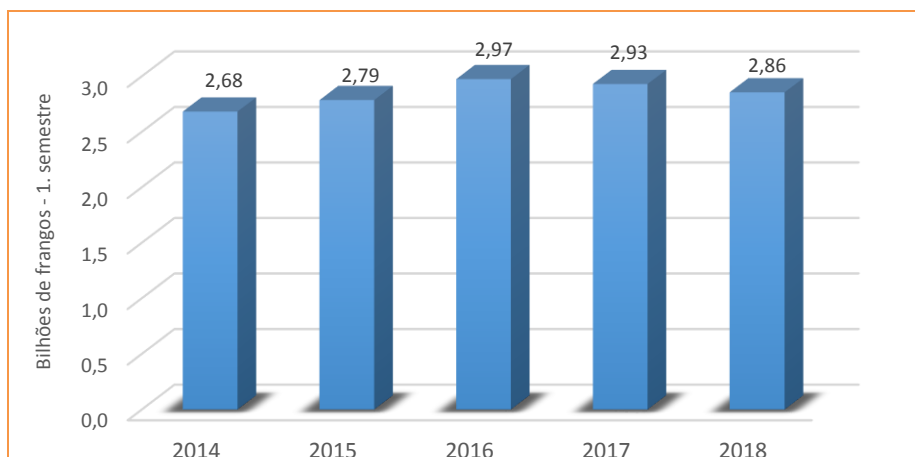
Embora se mantenha como principal destino das exportações catarinenses de carne de frango, em agosto o Japão reduziu em 4,18% a quantidade adquirida de Santa Catarina, na comparação com o mesmo mês de 2017. Em termos de receitas a queda foi ainda maior: -12,80%. Não obstante esse caso, verificam-se variações positivas em nove dos dez principais destinos, com destaque para Arábia Saudita (176,55% em valor e 239,24% em quantidade), Emirados Árabes Unidos (366,36% em valor e 406,14% em quantidade), Kuwait (348,85% em valor e 422,77% em quantidade) e Iêmen (722,42% em valor e 877,92% em quantidade).

As receitas acumuladas nos oito primeiros meses do ano com as exportações catarinenses de carne de frango foram de US\$ 1,36 bilhão, aumento de 13,45% em relação ao mesmo período de 2017. Quanto à quantidade, foram exportadas 830,39 mil toneladas no período, crescimento de 27,25% na comparação com o ano anterior.

De janeiro a agosto, Santa Catarina foi responsável por 31,52% da carne de frango exportada pelo país.

Na segunda semana de setembro, o IBGE divulgou os resultados da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais referentes ao 2º trimestre de 2018. Conforme demonstram os dados, nos primeiros seis meses de

2018 foram abatidos no país 2,86 bilhões de frangos, queda de 2,57% em relação ao mesmo período do ano anterior.



Fonte: IBGE.

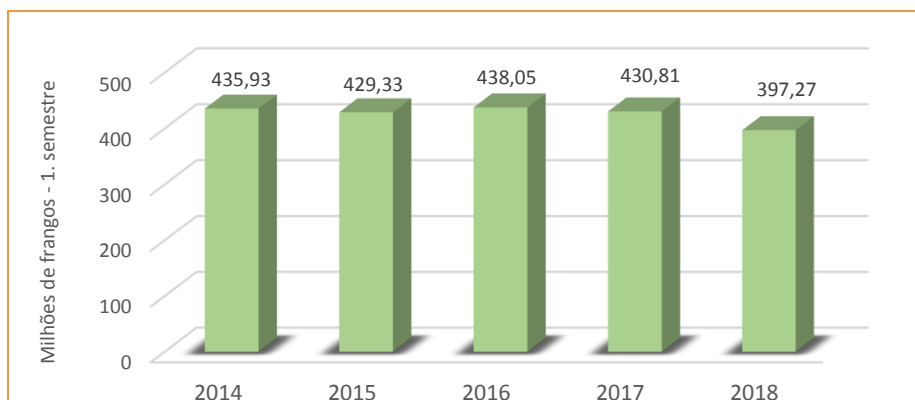
Abate de frangos no 1º semestre – Brasil – 2014/2018

número de animais abatidos, os dados do IBGE demonstram um aumento de 1,32% na produção da carne do 1º semestre, que atingiu o montante de 6,89 milhões de toneladas de carcaças. Tal situação indica que houve aumento no peso médio de abate das aves.

Esse resultado deve-se aos números de março, quando foi registrada queda de 5,55% em relação ao mesmo mês do ano anterior, e, principalmente, de maio, quando a queda foi de 20,41%. Em maio, como se sabe, ocorreu uma paralisação de caminhoneiros e empresas de transporte que durou aproximadamente 10 dias, o que levou a interrupção dos abates na maioria das empresas.

Não obstante a redução no

Santa Catarina também apresentou redução no número de frangos abatidos no 1º semestre deste ano. De



Fonte: IBGE.

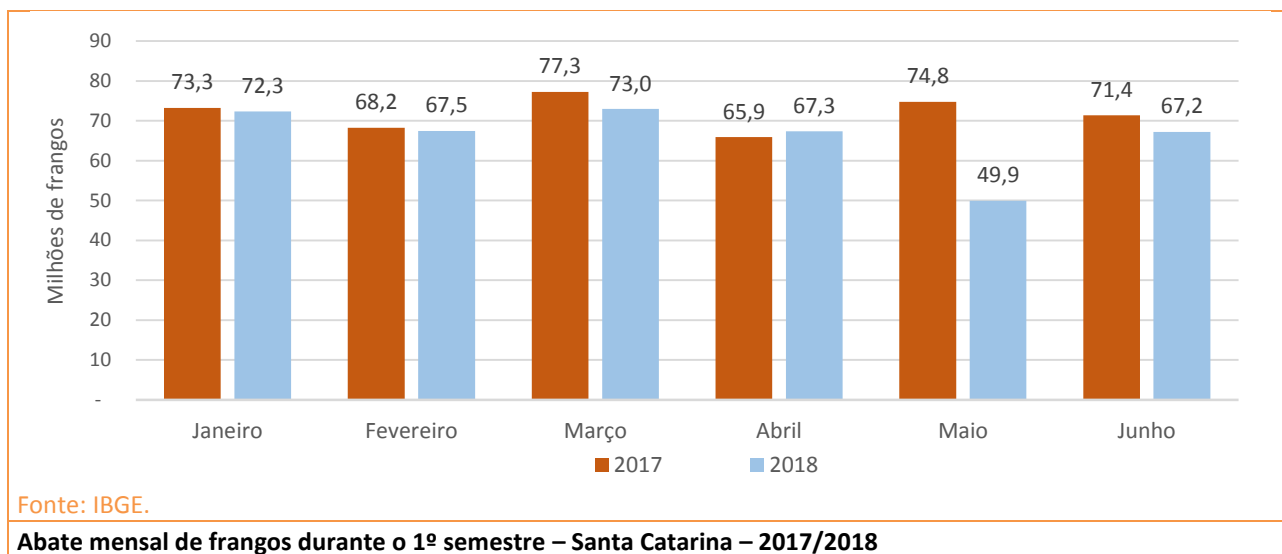
Abate de frangos no 1º semestre – Santa Catarina – 2014/2018

7,16%.

acordo com o IBGE, foram abatidos 397,3 milhões de aves, queda de 7,79% em relação ao ano passado. O pior resultado mensal foi observado em maio (-33,20% em relação a maio de 2017) e somente abril registrou resultado positivo (2,13%).

Assim como o número de animais abatidos, a produção de carne também registrou movimento negativo no 1º semestre: 971,6 mil toneladas, o que significa queda de

O gráfico abaixo apresenta os abates mensais durante o 1º semestre deste ano, comparando-os com os mesmos meses de 2017.

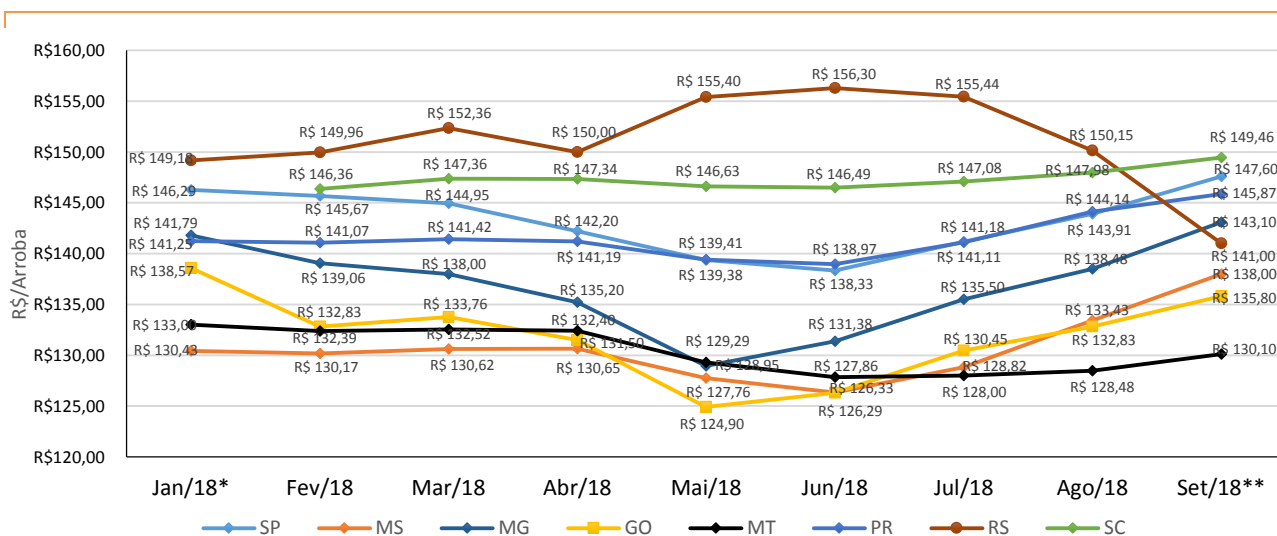


Apesar do aumento no 1º semestre apontado pelo IBGE, a ABPA estima que o país deverá reduzir a produção de carne de frango em 1% a 2% este ano, principalmente em razão do baixo consumo doméstico e das restrições enfrentadas no mercado internacional. No início do ano a entidade projetava crescimento de 2% a 4% na produção brasileira de carne de frango. Mas os diversos entraves nas exportações e a estagnação do consumo doméstico levaram à revisão das projeções iniciais. Ainda de acordo com a ABPA, o consumo *per capita* anual deve ficar em 42 kg, praticamente o mesmo montante de 2017 (42,07 kg).

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br

Pelo quarto mês consecutivo predominam os movimentos de alta nos preços do boi gordo dos estados analisados no Boletim Agropecuário: Mato Grosso do Sul (3,58%), Minas Gerais (2,20%), Paraná (2,15%), São Paulo (1,93%), Goiás (1,82%), Santa Catarina (0,61%) e Mato Grosso (0,37%). O Rio Grande do Sul é o único estado que registra variação negativa nesta prévia de setembro (-3,40%), situação já observada nos dois meses anteriores.



* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.

** Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2018.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾.

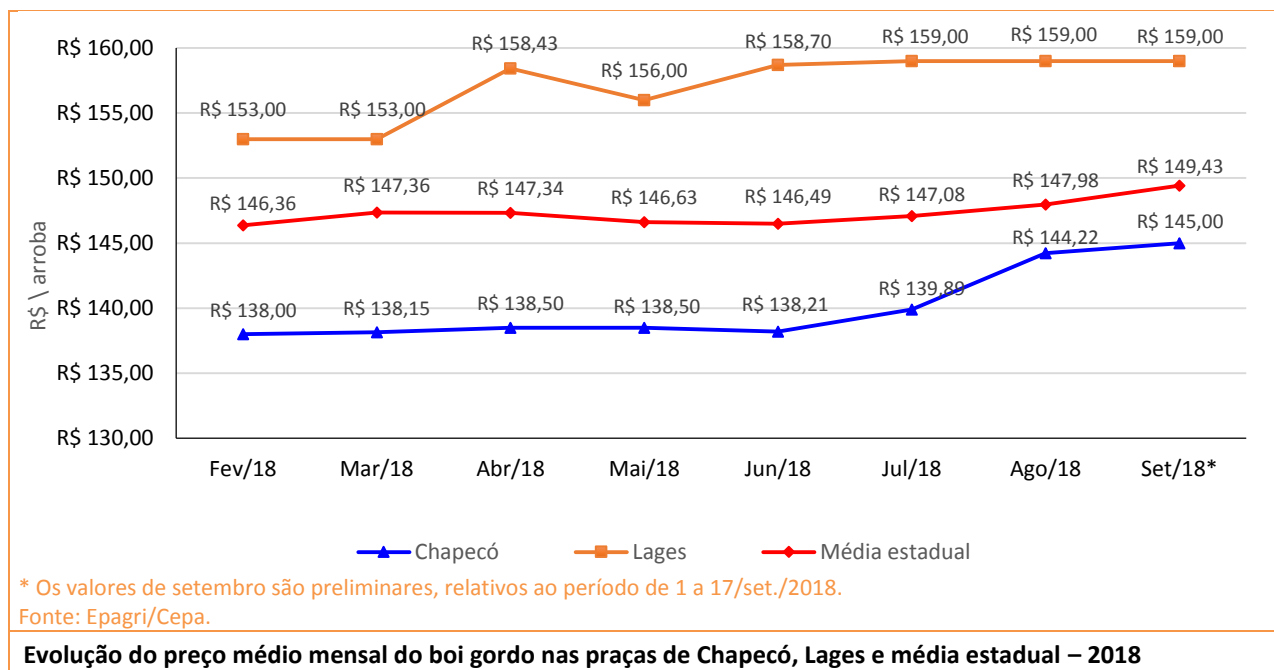
Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾ – 2018

Quando se compara os preços atuais com aqueles praticados em setembro do ano passado, na maioria dos estados observam-se variações positivas no valor da arroba: Paraná (12,02%), Mato Grosso do Sul (11,52%), Minas Gerais (10,40%), Mato Grosso (9,65%), São Paulo (8,92%), Goiás (8,07%) e Rio Grande do Sul (4,71%). A única exceção é Santa Catarina, que registrou queda de 0,45% no período, embora desde meados deste ano se observe um processo de recuperação. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo IPCA/IBGE, foi de 4,19%.

Nas duas praças de referência de Santa Catarina (Chapecó e Lages⁸), os preços preliminares de setembro do boi gordo sofreram poucas alterações em relação a agosto. Em Chapecó registra-se pequena alta de 0,54%, enquanto em Lages o preço mantém-se inalterado. Na comparação com setembro do ano passado, observa-se alta nas duas praças: 4,69% em Chapecó e 4,61% em Lages.

⁸ A partir da edição nº 61 do Boletim Agropecuário as praças de referência para a bovinocultura passaram a ser Chapecó e Lages (esta última em substituição a Rio do Sul). Essas duas praças representam as mesorregiões catarinenses mais importantes na produção de bovinos para abate: Oeste Catarinense (48,1% do total de animais produzidos em 2017) e Serrana (14,3%). Os preços referentes à praça de Rio do Sul continuarão a ser coletados e divulgados na página eletrônica do Cepa.

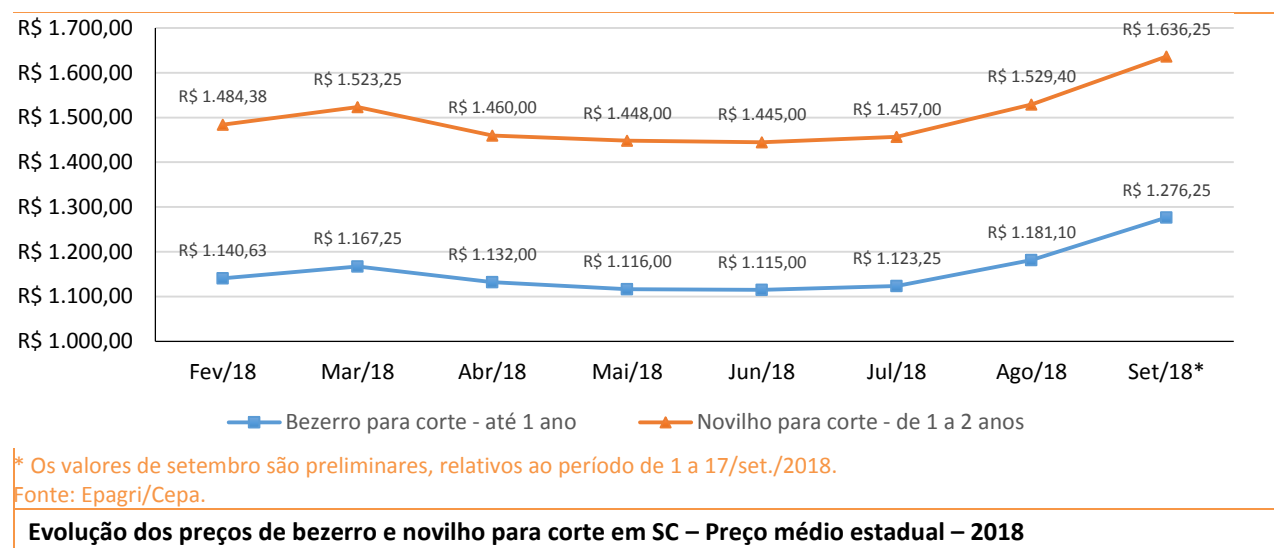
A média estadual, elaborada a partir dos preços de 8 praças distintas, apresenta movimento de alta neste mês, assim como já ocorreu em julho e agosto. O preço de setembro é 0,98% maior do que a média do mês anterior, além de estar 1,08% acima do que era observado em setembro de 2017.



Evolução do preço médio mensal do boi gordo nas praças de Chapecó, Lages e média estadual – 2018

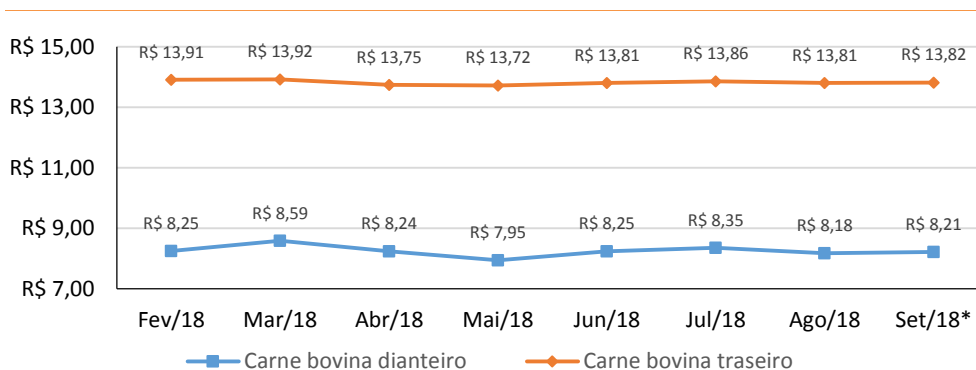
No mercado de animais de reposição, segue o movimento de alta já observado nos dois meses anteriores.

Os bezerros de até 1 ano registram elevação de 8,06% quando comparado com a média do mês anterior. No caso dos novilhos de 1 a 2 anos, a alta é de 6,99%.



Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2018

O mercado atacadista, por sua vez, mantém-se relativamente estável, com pequenas variações positivas em todos os cortes analisados.



* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/ago./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

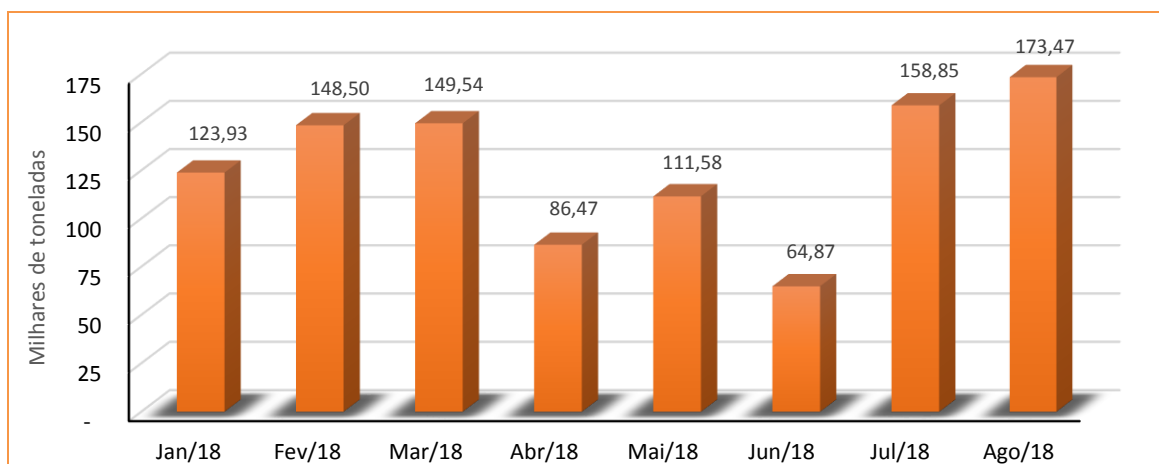
Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2018

O preço médio preliminar da carne de traseiro apresenta-se praticamente inalterado, com alta de apenas 0,09% em relação ao mês anterior. O preço atual está 2,00% acima daquele praticado em setembro de 2017.

Já a carne de dianteiro registra variação de 0,42% em relação a agosto. Contudo, na

comparação com setembro do ano anterior verifica-se defasagem de 4,23%.

Depois de resultados ruins no 2º trimestre, em julho as exportações brasileiras de carne bovina apresentaram um excelente desempenho, atingindo-se o maior montante mensal exportado pelo país desde maio de 2007. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em agosto os bons resultados voltaram a se repetir: foram exportadas 173,47 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), aumento de 9,20% em relação ao mês anterior e de 19,30% na comparação com agosto de 2017. Esse é o maior montante mensal já exportado pelo país num único mês.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Exportações de carne bovina – Brasil – 2018

No que diz respeito às receitas, embora tenha havido redução em relação ao mês anterior, os resultados de agosto também são bastante significativos: US\$ 669,37 milhões, queda de 16,78% em relação ao mês anterior, mas aumento de 15,57% na comparação com agosto de 2017.

No acumulado do ano, os resultados são positivos: foram exportadas 1,02 milhão de toneladas, 10,06% mais do que no mesmo período de 2017. As receitas somaram US\$ 4,21 bilhões, aumento de 11,81% em relação ao ano anterior.

Os cinco principais compradores de carne bovina brasileira em agosto responderam por 66,29% das receitas das exportações. Mais uma vez o destaque é a China, principal destino, que ampliou as aquisições

em 79,75% em termos de quantidade e 91,56% em termos de valor, quando comparado com agosto de 2017. Outros países que apresentaram variação significativa em agosto foram o Chile, com crescimento de 93,15% em valor e 108,18% em quantidade, e a Arábia Saudita (7º maior destino em agosto), com 189,79% em valor e 190,44% em quantidade.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Agosto/2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	158.411.649,00	33.320
Hong Kong	137.933.607,00	37.385
Chile	58.112.624,00	14.251
Irã	56.172.566,00	14.794
Egito	53.009.472,00	18.054
Demais países	235.732.943,00	55.664
Total	699.372.861,00	173.468

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de setembro (9 dias úteis), demonstram crescimento na média diária de embarques de carne bovina *in natura* em relação a agosto: 23,20% em valor e 28,82% em quantidade. Na comparação com setembro de 2017, os resultados também são positivos e ainda mais expressivos: 34,17% em valor e 44,70% em quantidade.

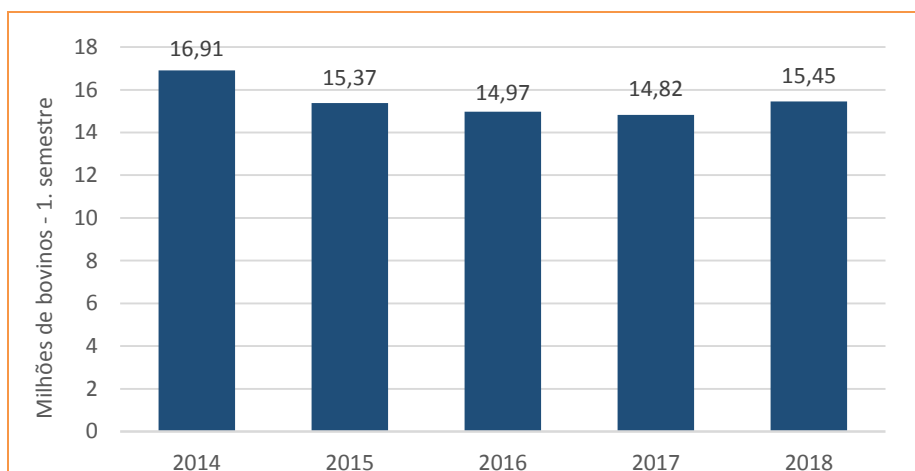
De acordo com nota divulgada pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), a estimativa de crescimento de 10% no volume de exportações de carne bovina em 2018, ultrapassando 1,5 milhão de toneladas, deve se confirmar.

Já o Rabobank estima aumento menor no volume de exportações brasileiras de carne bovina este ano. Segundo o banco, as exportações devem crescer 5% em 2018, na comparação com o ano passado. O Rabobank também acredita que o consumo interno de carne bovina deve crescer 2% neste ano, apesar do elevado grau de instabilidade da economia brasileira.

Mais uma vez Santa Catarina registrou crescimento nas exportações de carne bovina. Em agosto foram exportadas 464,73 toneladas, aumento de 14,63% em relação ao mês anterior e de 214,97% na comparação com agosto de 2017. As receitas foram de US\$ 1,26 milhão.

No acumulado do ano, Santa Catarina exportou 2,91 mil toneladas de carne bovina, com receitas de US\$ 9,31 milhões, aumento de 186,21% em valor e 188,77% em quantidade, quando comparado ao mesmo período do ano anterior.

Na segunda semana de setembro o IBGE divulgou os resultados da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, referentes ao 2º trimestre de 2018. Conforme demonstram os dados, a quantidade de bovinos abatidos no País no 1º semestre deste ano foi de 15,45 milhões de cabeças, aumento de 4,27% e relação ao mesmo período de 2017. Esse foi o primeiro resultado positivo para o período desde 2014.

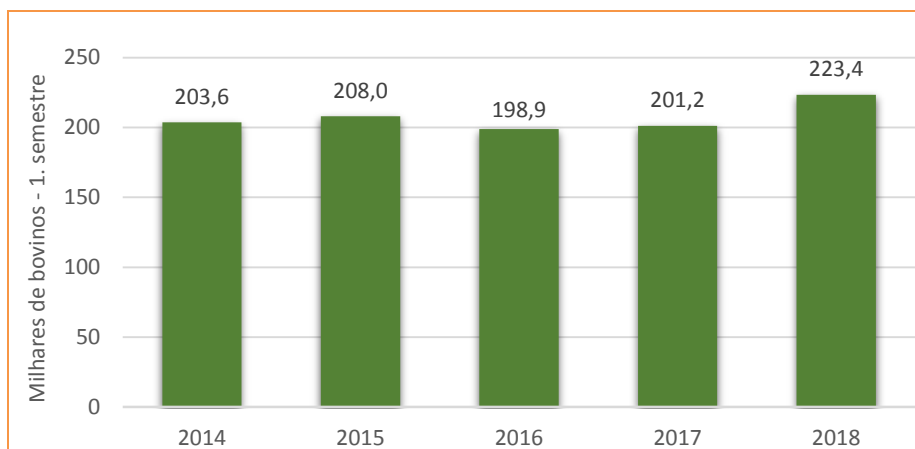


Fonte: IBGE.

Abate de bovinos no 1º semestre – Brasil – 2014/2018

vez, atingiu 3,78 milhões de toneladas, o que representa ampliação de 4,15% em relação ao resultado do 1º semestre de 2017.

Santa Catarina também registrou aumento no número de animais abatidos nos primeiros seis meses do ano. De acordo com os dados do IBGE, foram abatidos 223,4 mil bovinos, incremento de 11,04% em relação ao mesmo período do ano anterior. Mesmo com a paralisação do setor de transportes, os abates de maio superaram em 1,66% o mesmo mês de 2017.



Fonte: IBGE.

Abate de bovinos no 1º semestre – Santa Catarina – 2014/2018

Com exceção de maio, quando se observou queda de 16,03% em relação ao mesmo mês de 2017, todos os demais meses deste ano registraram variações positivas, com destaque para abril, quando o índice atingiu 22,59%. A queda de maio obviamente foi consequência da paralisação de caminhoneiros e empresas de transporte de cargas, o que levou a interrupção dos abates por alguns dias.

A produção de carne, por sua

vez, atingiu 51,26 milhões de toneladas, o que representa ampliação de 15,65% em relação ao mesmo período do ano anterior.

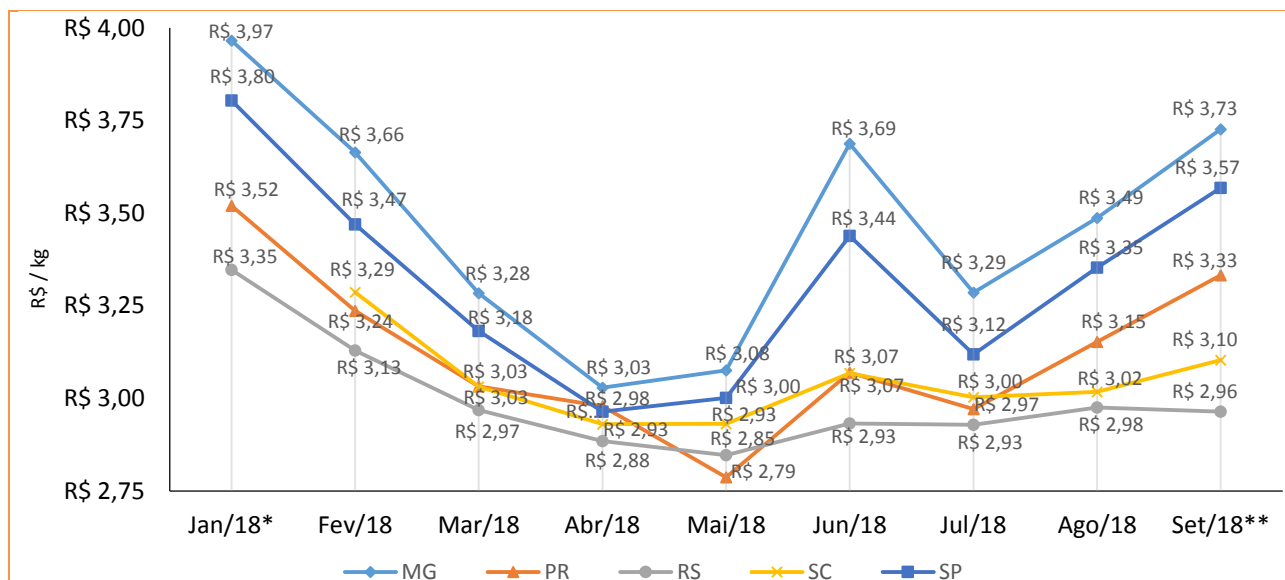
Tais resultados demonstram que estão sendo abatidos bovinos com maior peso, seja pela condição corporal, idade ou sexo, o que deve ser analisado de forma mais aprofundada nos próximos boletins.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Os preços preliminares de setembro do suíno vivo demonstram a continuidade, na maioria dos estados, do movimento de alta iniciado no mês anterior. Dos cinco estados analisados, quatro registram variação positiva: Minas Gerais (6,87%), São Paulo (6,40%), Paraná (5,70%) e Santa Catarina (2,83%). Somente o Rio Grande do Sul registra variação negativa nessa prévia (-0,38%).

Na comparação entre os preços atuais com aqueles praticados em setembro de 2017, contudo, os resultados são negativos em todos os estados: -11,97% no Rio Grande do Sul, -10,89% em Minas Gerais, -10,84% em São Paulo, -10,76% em Santa Catarina e -8,81% no Paraná. Embora ainda sejam índices consideráveis, são menores do que aqueles que eram registrados em agosto, quando as diferenças em relação ao ano anterior chegavam a 25% em alguns casos. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,19%.



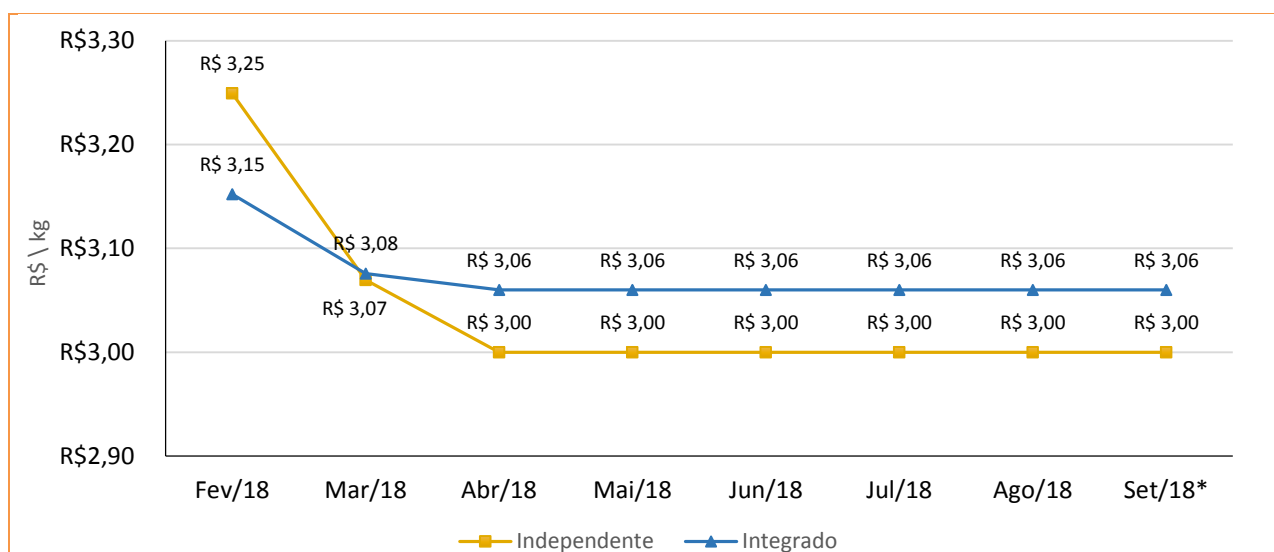
* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.

** Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2018.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg de suíno vivo) – 2018

Na primeira quinzena de setembro, os preços do suíno vivo em Chapecó, praça de referência para o produto, não sofreram alteração em relação ao mês anterior, situação que vem se repetindo desde abril. Quando se compara os valores atuais e aqueles praticados em setembro de 2017, as defasagens são de -10,45% para os produtores independentes e -7,83% para os integrados.

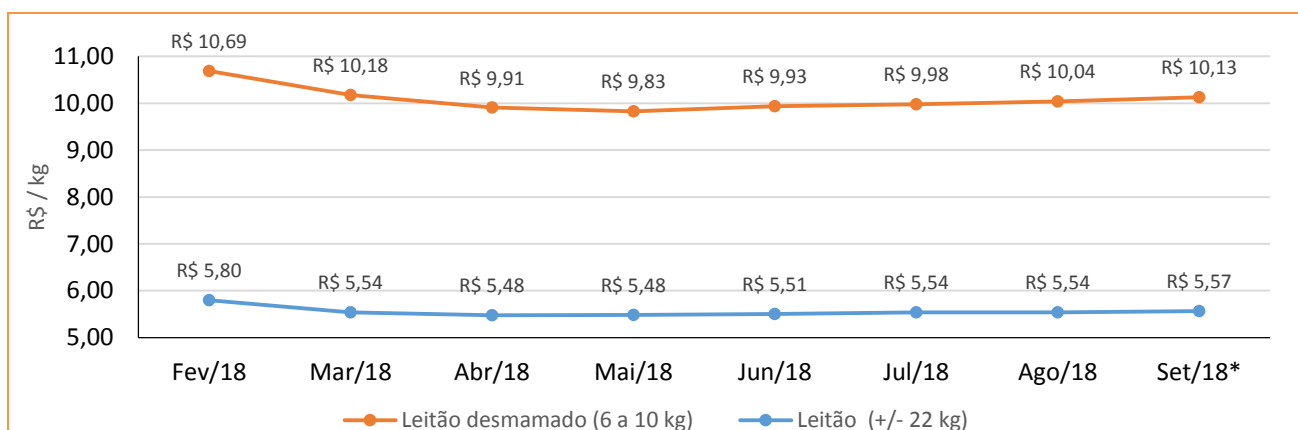


* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2018

Os preços dos leitões seguem o movimento de alta que, embora suave, vem sendo observado desde junho. Em setembro, os preços preliminares dos leitões de 6 a 10kg variaram 0,90% na comparação com agosto, enquanto os leitões com +/-22kg oscilaram 0,51%. Contudo, não obstante a prevalência dos movimentos de alta nos últimos quatro meses, os preços atuais ainda estão defasados em relação àqueles praticados em setembro de 2017: -8,26% para leitões de 6 a 10kg e -8,33% para leitões de +/-22kg (sem contar a inflação do período).



* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2018.

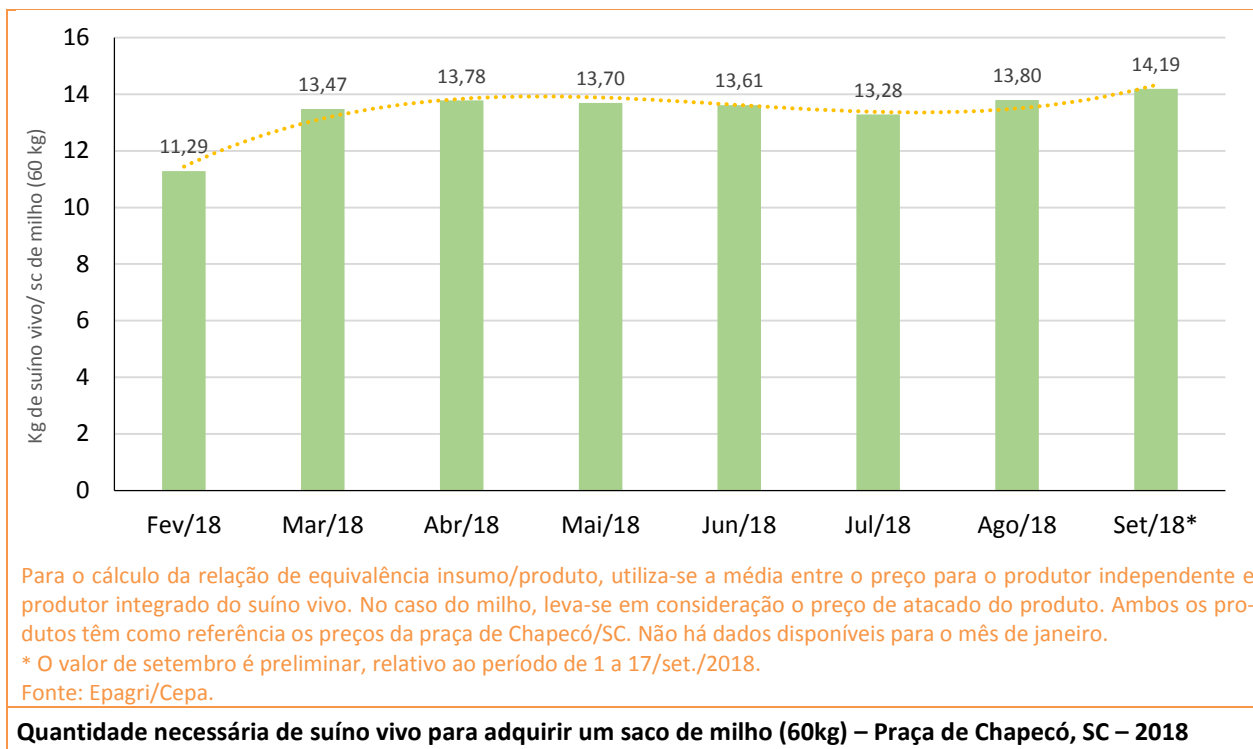
Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2018

Em agosto, o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou queda de 0,89% em relação ao mês anterior. Apesar disso, no ano esse indicador ainda acumula alta de 15,46%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (15,20% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPSuíno foi de 24,99%.

Pelo segundo mês consecutivo, a relação de equivalência insumo/produto (índice calculado a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos para a região de Chapecó) registra alta, dessa vez de 2,87%. Essa variação é decorrente do aumento no preço do milho (2,87%), tendo em vista que o preço do suíno vivo manteve-se inalterado naquela praça. Não obstante as oscilações positivas dos dois últimos

meses, o valor atual ainda está 49,07% abaixo daquele registrado em setembro de 2017.



De acordo com o 12º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/2018, que apresenta o fechamento dessa safra, a 1ª safra de milho foi de 26,82 milhões de toneladas, 11,97% menor que no ano anterior. Ainda segundo o relatório da Conab, a 2ª safra foi finalizada com um total de 54,54 milhões de toneladas, queda de 19,06% na comparação com o ano anterior. No total, foram colhidas 81,36 milhões de toneladas, queda de 16,85% em relação à safra anterior. O próximo relatório da Conab deve apresentar as estimativas da entidade para a Safra 2018/2019.

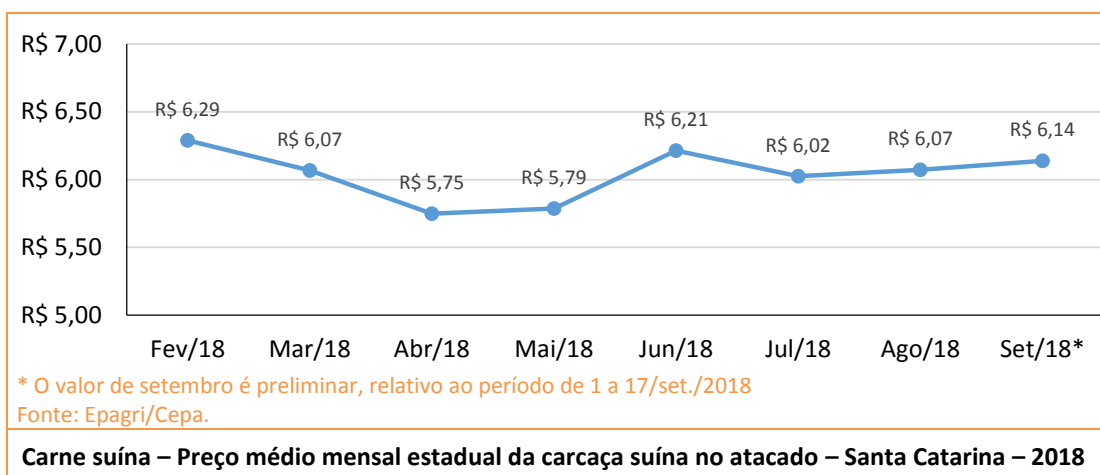
Em Santa Catarina, segundo estimativas preliminares da Epagri/Cepa, a safra 2018/2019 deve registrar ampliação de 3% a 5% na área plantada com milho. Os números oficiais deverão ser apresentados na próxima edição do Boletim Agropecuário.

Em relação ao mercado atacadista, assim como nos dois meses anteriores, os preços da primeira quinzena de setembro demonstram a predominância de movimentos de queda. Dos cinco cortes acompanhados, quadro apresentam variação negativa na comparação com o mês anterior: pernil (-6,49%), costela (-1,51%), lombo (-0,98%) e carré (-0,54%). Somente a carcaça suína registrou variação positiva (1,08%).

Carne suína – Preço médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2018			
Produto	Julho/18	Agosto/18	Setembro/18*
Carré (sem couro)	8,22	7,75	7,71
Costela (sem couro)	11,83	11,58	11,41
Lombo	11,07	10,80	10,69
Carcaça	6,02	6,07	6,14
Pernil (com osso e couro)	6,89	6,89	6,45

* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2018.
Fonte: Epagri/Cepa.

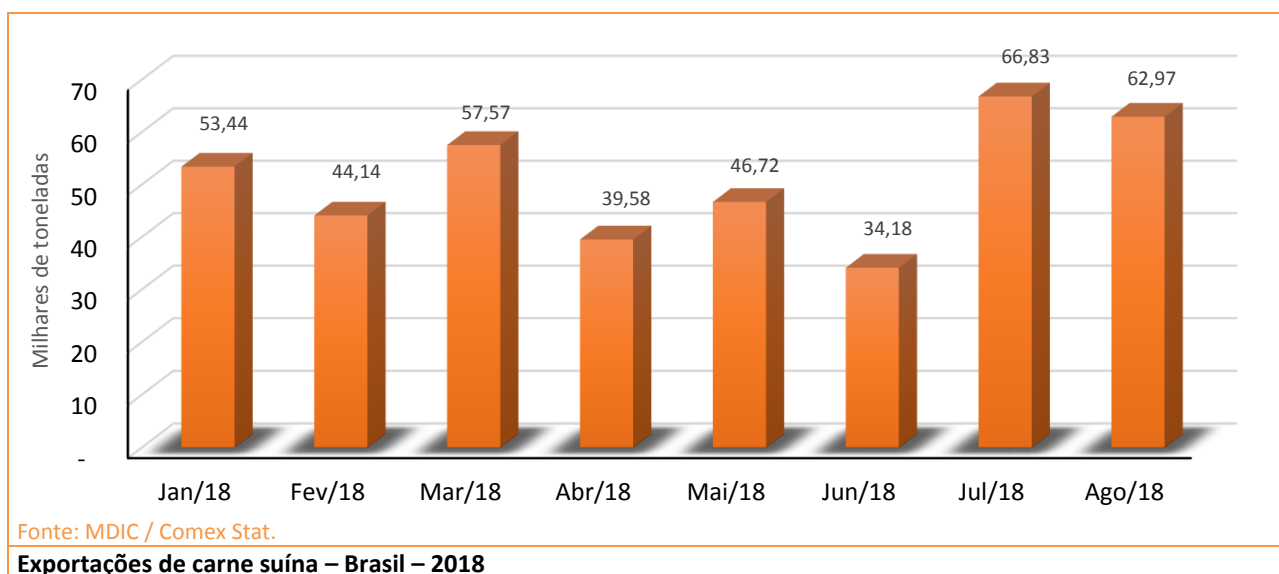
O gráfico seguinte apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína durante o ano de 2018.



Em coletiva de imprensa realizada no final de agosto, o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Francisco Turra, informou que as agroindústrias de carnes suína e de frango deverão elevar os preços de seus produtos para o consumidor final em aproximadamente 15%, como forma de repassar a alta nos custos acumuladas ao longo deste ano. Ainda segundo a ABPA, o custo logístico deverá aumentar em média 35% após a aprovação da tabela de frete, que define valores mínimos a serem pagos aos transportadores. A entidade também estima que em alguns elos da cadeia produtiva, como no caso do transporte de ração, o aumento no frete pode chegar a 80%. O estabelecimento de uma tabela com preços mínimos para os fretes foi um dos pontos de pauta pactuados entre as entidades representativas dos transportadores e o governo federal para o encerramento da paralisação ocorrida no final de maio.

Além do frete, a lucratividade do setor de carnes vem sendo afetada pelo aumento nos custos de produção dos suínos, que só este ano já aumentaram 15,46% conforme cálculo da Embrapa mencionado anteriormente.

De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado foram embarcadas 62,97 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos). Embora seja superior à média do ano, esse montante é 5,77% menor que o exportado no mês anterior e 6,49% abaixo do que foi registrado em agosto de 2017.



As receitas de agosto foram de US\$ 109,64 milhões, queda de 6,90% em relação ao mês anterior e de

29,83% na comparação com agosto de 2017.

No acumulado do ano, as receitas somaram US\$ 782,18 milhões, queda de 28,78% em relação ao mesmo período de 2017. A quantidade exportada de janeiro a agosto foi de 405,43 mil toneladas, queda de 11,95% na comparação com o ano anterior.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira em agosto foram Hong Kong, China, Cingapura, Uruguai e Argentina, que juntos responderam por 69,25% das receitas com esse produto. Mais uma vez a China apresentou um excelente desempenho, com aumento de 285,81% na quantidade exportada para aquele país em agosto, quando comparado ao mesmo mês do ano anterior.

De acordo com estimativas da ABPA divulgadas no final de agosto, as exportações de carne suína brasileira deverão registrar retração de 10% a 12% este ano, principalmente em função do embargo russo que vigora desde dezembro passado. A queda poderia ser ainda maior, não fosse a significativa ampliação dos embarques para a China. Contudo, a ABPA ressalta que, embora tenha sido importante para a minimização dos impactos no setor, o remanejamento das exportações para a China resultou numa redução nos preços médios da tonelada, em comparação com o que era pago pela Rússia. Apesar disso, a entidade acredita que a tendência seja de elevação nos preços de venda ao mercado chinês ao longo do tempo.

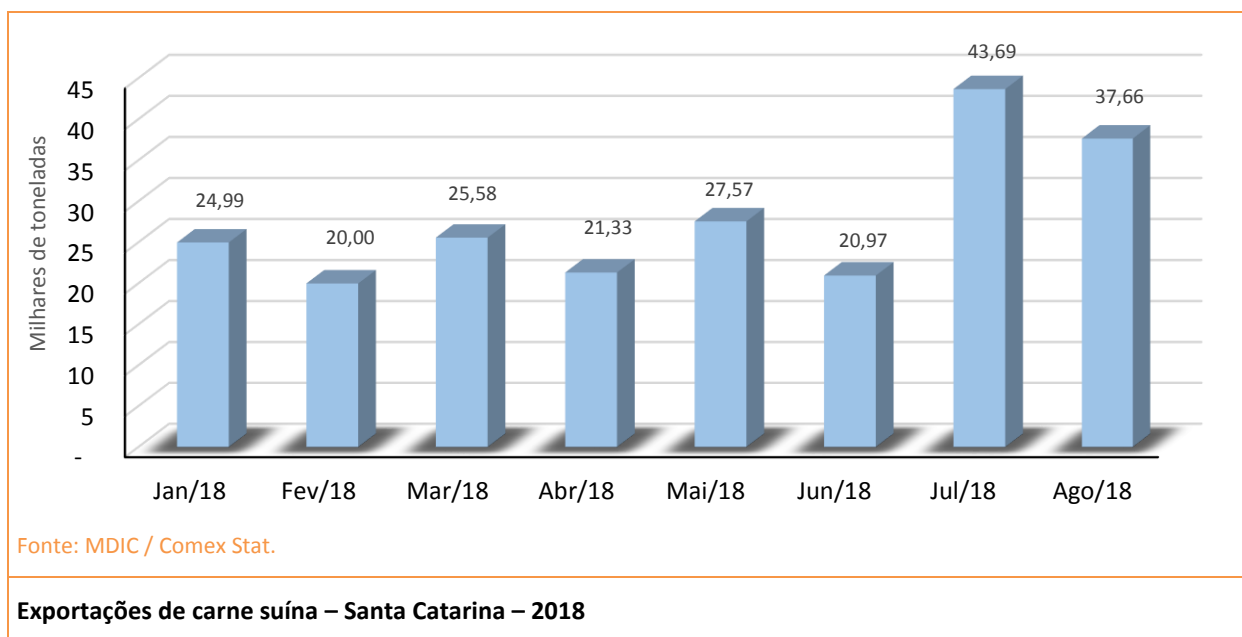
A ABPA afirma, ainda, que as agroindústrias do setor mantém a expectativa de reabertura do mercado russo para a carne suína, embora provavelmente em níveis menores do que aqueles registrados nos últimos anos, já que a Rússia tem cada vez mais buscado reduzir sua dependência das importações desse produto. Segundo alguns analistas do setor, os efeitos do embargo russo expõem as fragilidades do setor, que é fortemente dependente do mercado externo e tem as exportações alicerçadas em poucos países.

Há também expectativas quanto ao México, 3º maior importador mundial de carne suína, que pode vir a se tornar um importante destino da carne brasileira, principalmente em decorrência de disputas comerciais do país com os Estados Unidos, que atualmente é a principal origem da carne suína importada pelos mexicanos.

O setor também aposta parte das fichas na Coreia do Sul, 4º maior importador mundial, que recentemente abriu seu mercado à carne suína catarinense. Contudo, ainda é necessário superar algumas barreiras tarifárias para que o produtor brasileiro se torne competitivo e aquele país se constitua num importante destino.

Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de setembro (9 dias úteis), demonstram aumento na média diária de embarques de carne suína *in natura* em relação a agosto: 86,58% em valor e 22,13% em quantidade. Na comparação com setembro de 2017, também são registradas variações positivas nos dois parâmetros analisados: 26,03% em valor e 9,41% em quantidade.

As exportações catarinenses também registraram bons resultados em agosto, não obstante terem sido 13,80% menores que no mês anterior. De acordo com o MDIC, foram embarcadas 37,66 mil toneladas, segundo maior volume do ano. Na comparação com agosto de 2017, registra-se crescimento de 31,57%.



As receitas de agosto foram de US\$ 64,26 milhões, o que representa queda de 13,46% em relação ao mês anterior e de 2,59% na comparação com agosto de 2017.

Santa Catarina foi responsável por 59,80% do total de carne suína exportada pelo Brasil no mês de agosto, respondendo, ainda, por 58,61% das receitas.

No acumulado do ano, o estado exportou 221,79 mil toneladas de carne suína, o que representa um crescimento de 16,16% em relação ao mesmo período do ano passado. As receitas somam US\$ 416,96 milhões, 7,62% menos do que o valor registrado no mesmo período de 2017.

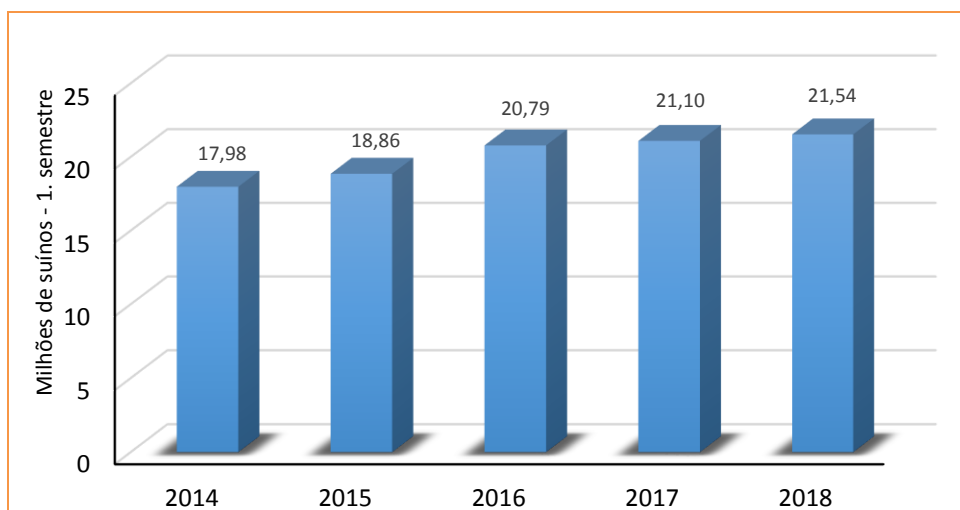
Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em junho responderam por 70,08% das receitas e 65,76% da quantidade.

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Agosto de 2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	18.660.822,00	10.417
Hong Kong	12.044.460,00	7.155
Chile	6.088.738,00	3.182
Cingapura	4.294.672,00	2.125
Argentina	3.950.211,00	1.884
Outros países	19.225.503,00	12.894
Total	64.264.406,00	37.657

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Praticamente todos os destinos externos da carne suína catarinense registraram variação positiva em agosto, na comparação com o mesmo mês de 2017. As únicas exceções são o Chile (com queda de 11,05% no valor, não obstante o crescimento de 12,55% na quantidade) e os Emirados Árabes Unidos (com queda de 0,16% na quantidade, apesar do aumento de 3,40% no valor). Em termos de incrementos, destacam-se a China (217,18% em valor e 215,59% em quantidade), Geórgia (295,13% em valor e 425,62% em quantidade) e Filipinas (3.052,40% em valor e 4.767,47% em quantidade).

Em meados de setembro, o IBGE divulgou os resultados da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, referentes ao 2º trimestre de 2018. Conforme demonstram os dados, a quantidade de suínos abatidos no País cresceu 2,09% no 1º semestre de 2018, em comparação com o mesmo período de 2017. Com exceção de março (-0,61%) e maio (-19,10%), todos os demais meses apresentaram resultados positivos quando comparados com o ano anterior.



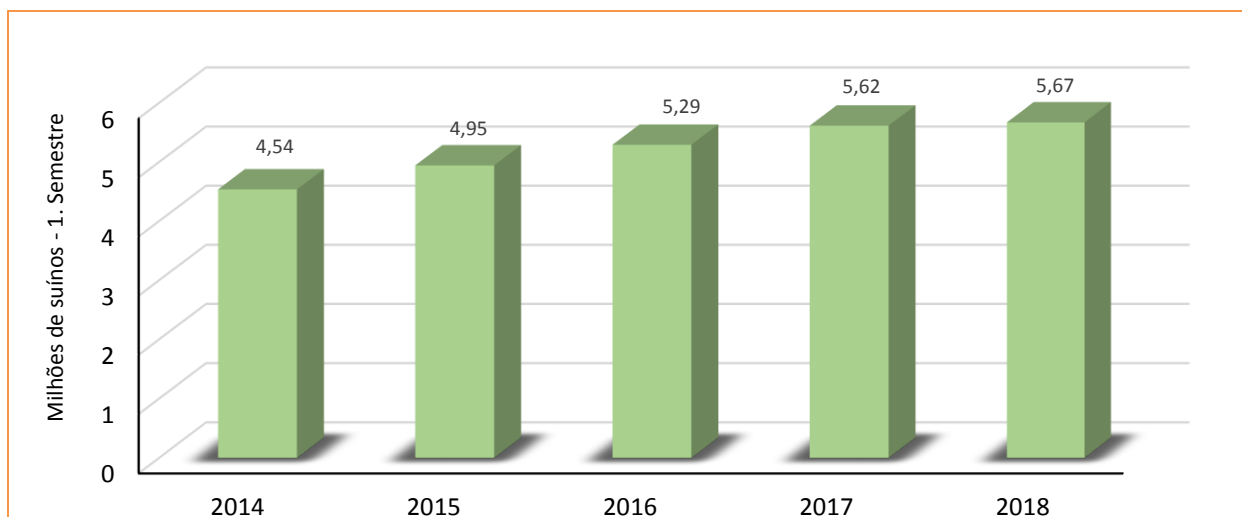
Fonte: IBGE.

Abate de suínos no 1º semestre – Santa Catarina – 2014/2018

A produção da carne também teve um crescimento significativo. Segundo o IBGE, nos seis primeiros meses do ano foram produzidas 1,94 milhão de toneladas de carcaça, incremento de 4,57% em relação ao ano anterior.

Embora também tenha registrado resultados positivos, Santa Catarina apresentou crescimento menos expressivo que a média nacional. No 1º semestre foram abatidos no estado 5,67 milhões de suínos, aumento de 0,97% em relação ao mesmo período de 2017.

A produção de carne suína em Santa Catarina atingiu 507,62 mil toneladas no 1º semestre, incremento de 1,91% na comparação com o ano anterior.

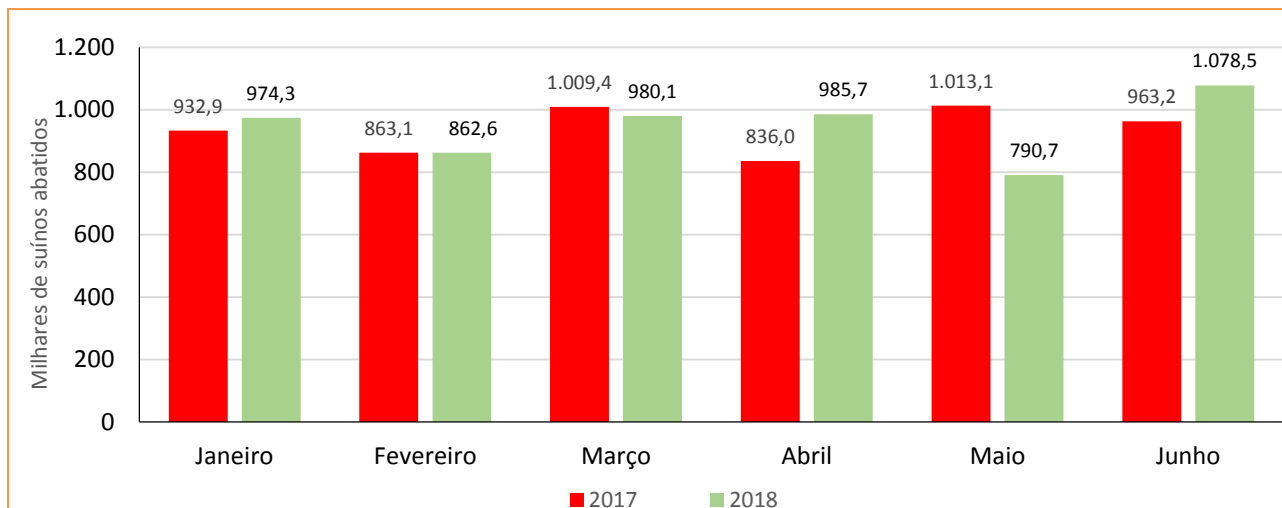


Fonte: IBGE.

Abate de suínos no 1º semestre – Santa Catarina – 2014/2018

O gráfico a seguir compara o abate mensal de suínos em Santa Catarina durante o 1º semestre de 2017 e 2018. Conforme é possível perceber, os resultados deste ano foram negativos em fevereiro, março e maio,

num cenário semelhante ao que ocorreu no restante do país. Em junho verifica-se um crescimento bastante significativo (11,96%), provavelmente decorrente do acúmulo gerado com a paralisação no setor de transportes no mês anterior.



Fonte: IBGE.

Abate mensal de suínos durante o 1º semestre – Santa Catarina – 2017/2018

Apesar dos números do 1º semestre divulgados pelo IBGE, a ABPA estima um aumento de produção mais modesto este ano, que deverá atingir aproximadamente 1% em relação ao ano passado.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

No dia 12/09 o IBGE divulgou novos dados da sua Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), agora com os números mensais e os relativos a cada estado. A quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas no segundo trimestre de 2018 foi 3,2% menor que a do mesmo trimestre de 2017. Com isso, mesmo com o crescimento dos quatro primeiros meses, a quantidade adquirida no primeiro semestre deste ano foi levemente inferior (0,3%) à do primeiro semestre de 2017.

Leite - Brasil - Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2016-18					
Período	2016	2017	2018 ¹	Var. %	
				16-17	17-18
Janeiro	2,072	2,101	2,156	1,4	2,6
Fevereiro	1,892	1,833	1,886	-3,1	2,9
Março	1,898	1,928	1,964	1,6	1,9
1º Trimestre	5,862	5,862	6,006	0,0	2,5
Abril	1,749	1,812	1,869	3,6	3,1
Maiο	1,742	1,907	1,730	9,5	-9,3
Junho	1,728	1,929	1,869	11,6	-3,1
2º Trimestre	5,219	5,648	5,468	8,2	-3,2
1º Semestre	11,081	11,510	11,474	3,9	-0,3
Julho	1,897	2,058		8,5	
Agosto	1,989	2,118		6,5	
Setembro	1,963	2,103		7,1	
Outubro	2,048	2,141		4,5	
Novembro	2,052	2,154		5,0	
Dezembro	2,140	2,250		5,1	
Total anual	23,170	24,334		5,0	

(1) Dados preliminares

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Com a disponibilização dos números mensais, ficou claro que, não fosse a paralisação dos caminhoneiros, que comprometeu seriamente a captação de leite por vários dias de maio, a quantidade adquirida no primeiro semestre teria sido superior a do mesmo período de 2017. Não obstante a redução em âmbito nacional, em quatro dos seis estados de maior captação a quantidade de leite cru adquirido no primeiro semestre de 2018 foi superior a do mesmo período de 2017. Ocorre que esses crescimentos não foram suficientes para compensar os decréscimos de São Paulo, Goiás e de outras unidades da federação.

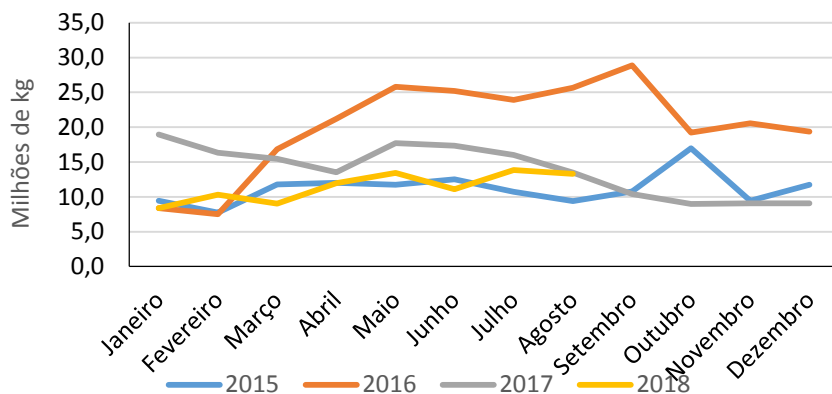
O fato de o pequeno decréscimo na captação nacional de leite no primeiro semestre decorrer principalmente do que se deu em maio, não significa a ausência de outros aspectos a influenciar a oferta de leite nos meses recentes. Além da queda de maio, a PTL/IBGE mostra que também em junho a captação de leite foi menor que a do mesmo mês de 2017. Entre as explicações para este decréscimo e uma provável oferta de leite menor do que a esperada nos meses de julho e agosto, eventualmente também inferior às dos mesmos meses de 2017, destaca-se que houve chuvas bem abaixo das médias climatológicas em várias regiões produtoras de leite nesses três meses.

Leite - Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2014-2018

Ano	Bilhão de litros							
	MG	RS	PR	SP	SC	GO	Outras	Brasil
2014	6,590	3,431	2,972	2,525	2,340	2,685	4,205	24,747
2015	6,442	3,488	2,838	2,607	2,348	2,450	3,888	24,062
2016	6,106	3,250	2,744	2,559	2,438	2,313	3,759	23,170
2017	5,990	3,426	2,935	2,872	2,758	2,465	3,888	24,334
1º sem.	MG	RS	PR	SP	SC	GO	Outras	Brasil
2014	3,294	1,632	1,399	1,223	1,024	1,320	2,094	11,986
2015	3,192	1,663	1,380	1,232	1,110	1,228	1,977	11,781
2016	3,001	1,517	1,277	1,208	1,106	1,094	1,879	11,081
2017	2,883	1,559	1,355	1,384	1,159	1,206	1,962	11,510
2018 ¹	2,922	1,563	1,414	1,298	1,194	1,147	1,937	11,474
Var. % 1º sem. 17-18	1,4	0,3	4,4	-6,2	3,0	-4,9	-1,3	-0,3

(1) Dados preliminares

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite



Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS)

Leite – Importações brasileiras de lácteos - 2015 - 2018

As importações brasileiras de lácteos também são decrescentes. O percentual de queda é bem mais significativo do que o da captação interna de leite. No período de janeiro a agosto de 2018 a quantidade de lácteos importada pelo Brasil foi 29,1% menor que a do mesmo período de 2017. Além do que, em nenhum dos meses deste ano a quantidade importada alcançou o mesmo patamar do mesmo mês de 2017. Com isso, em 2018 está havendo sensível redução na participação do leite importado no abastecimento nacional. Estima-se que as importações representaram menos de 4% da quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas no período de janeiro a agosto. Em 2016, recorde das importações de lácteos nos anos recentes, equivaleram a 1,78 bilhão de litros de leite, representando 7,7% dos 23,170 bilhões de litros de leite adquiridos pelas indústrias inspecionadas.

Balança Comercial brasileira de lácteos - 2015 - 2018

Ano/Período	Milhões de kg			Equivalente a milhões de l de leite		
	Importação	Exportação	Saldo	Importação	Exportação	Saldo
2015	134,3	73,6	-60,7	991,1	579,4	-411,7
2016	242,6	52,6	-190,0	1.782,7	391,5	-1.391,2
2017	166,3	36,0	-130,3	1.178,6	245,0	-933,6
Jan/Ago						
2015	85,4	43,2	-42,2	612,7	336,7	-276,0
2016	154,5	29,7	-124,8	1.138,3	217,5	-920,8
2017	128,8	24,8	-104,0	916,5	171,7	-744,8
2018	91,3	12,8	-78,5	655,4	73,4	-582,0
Var. (%) Jan/Ago 17-18	-29,1	-48,3	-24,5	-28,5	-57,2	-21,9

FONTE: MDIC/SECEX – Comex Stat

Em face da oferta interna não atingir os patamares esperados, das importações terem decrescido e mesmo com fraca demanda de lácteos, os preços internos tiveram uma trajetória de meses de aumento, que cessou neste mês de setembro (preço recebido pelo leite entregue em agosto).

Leite - Preço médio(1) aos produtores catarinenses - 2015-18				
Mês	R\$/l posto na propriedade			
	2015	2016	2017	2018
Janeiro	0,75	0,91	1,10	0,94
Fevereiro	0,73	0,95	1,20	0,94
Março	0,76	1,02	1,25	0,96
Abril	0,80	1,07	1,28	1,01
Mai	0,87	1,11	1,29	1,09
Junho	0,89	1,19	1,29	1,14
Julho	0,91	1,29	1,25	1,30
Agosto	0,93	1,52	1,13	1,35
Setembro	0,92	1,41	0,99	1,31
Outubro	0,90	1,24	0,91	
Novembro	0,87	1,10	0,92	
Dezembro	0,89	1,08	0,95	
Média anual	0,85	1,16	1,13	

(1) Preço médio mais comum no período de pagamento.
 Fonte: Epagri/Cepa.

Com a tendência de aumento na quantidade de leite recebido pelas indústrias, as perspectivas são de novos decréscimos nos preços aos produtores nos meses vindouros. Se os valores cairão ou não para os piores patamares do final do ano passado/início deste ano, dependerá, sobretudo, de quanto crescerá a oferta interna.